

# Projeções Metonímicas em Afásicos de Broca

por

Tânia de Castro Soares

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora e ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientação: Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari

Faculdade de Letras – UFRJ

Setembro de 2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dedico este trabalho a meus pais,

Isolina e Anselmo

## Agradecimentos

Agradeço a meus pais, Isolina e Anselmo, por todo incentivo e apoio incondicionais, e por serem exemplos a serem seguidos.

À minha orientadora, prof. Dra. Lilian Vieira Ferrari, que me orientou com muita competência não somente para o presente trabalho, mas que me ensinou a pesquisar.

A meus irmãos Anselmo Pedro, Natália e Ana Luísa por todo apoio, e à Ludmila, que foi decisiva na reta final.

À professora do curso de Fonoaudiologia da UFRJ, Cláudia Drummond, por ter sido uma professora fantástica, por ter me influenciado diretamente na escolha da linguagem como área de preferência, por todas as dicas preciosas e materiais fornecidos, por ter sido tão amiga e compreensiva todos esses anos.

A Renata Mousinho, por também ser uma grande professora e referência, e por todo incentivo. E que, juntamente com as demais professoras do curso de Fonoaudiologia da UFRJ, luta para que o curso se torne cada vez melhor.

Ao prof. Dr. Celso Novaes, por ser sempre tão atencioso, por suas dicas indispensáveis e esclarecedoras e por sempre demonstrar acreditar em mim.

A meus amigos, que me apoiaram no período do mestrado, e me apoiam sempre: Marcello, Luciana, Adriana, Robertas, Fernanda, Angela, Rejane, Vanessa, Michele.

Aos pacientes, por permitirem que aprendamos com eles.

Aos controles, por cederem um pouco de seu tempo.

Aos meus tios amigos José Francisco, Maria Dulce e Hiléia, por todo carinho, apoio e companheirismo, e à vovó Dulce por toda sabedoria.

A meus professores do Ensino Médio, Eliane, Marco e Clóvis, por sempre acreditarem em mim e me incentivarem.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram na realização deste trabalho.

## Sinopse

A Teoria dos Espaços Mentais. O Princípio da Identificação. O fenômeno da projeção metonímica. Afasia de Broca. Alterações de projeções metonímicas em afásicos desvendadas pelo suporte teórico da Lingüística Sociocognitiva.

## Sumário

1. Introdução	1
2. Pressupostos Teóricos da Lingüística Sociocognitiva	3
2.1 Panorama geral da Lingüística Sociocognitiva	3
2.2 A Teoria dos Espaços Mentais	6
2.2.1 Domínios	7
2.2.1.1 Domínios Estáveis	7
2.2.1.1.1 Modelos Cognitivos Idealizados (MCI)	7
2.2.1.1.2 Molduras Comunicativas	10
2.2.1.1.3 Esquemas Genéricos	11
2.2.1.2 Domínios Locais – Espaços Mentais	12
2.2.1.3 Princípio do Acesso	15
2.2.2 Projeções	18
2.2.2.1 Projeções de domínios conceptuais estruturados	18
2.2.2.2 Projeções de Esquema	20
2.2.2.3 Projeções de Funções Pragmáticas	20
3. Afasiologia	23
3.1 Histórico	23
3.2 Afasia de Broca	29
4. Metodologia	34
4.1 Amostra	35
4.1.1 Apresentação dos Pacientes	36
4.1.2 Paciente 1	36
4.1.3 Paciente 2	38
4.1.4 Paciente 3	40
4.1.5 Paciente 4	42
4.1.6 Paciente 5	44

4.2 Procedimento	45
4.3 Caracterização do Teste Aplicado	46
5 Análise dos Resultados	49
6 Conclusão	62
7 Referências Bibliográficas	64
Anexo I - Pranchas	66
Anexo II – Termo de Consentimento	77
Resumos	78



## 1. Introdução

A afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais), produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não estar associadas a alterações de outros processos cognitivos (Coudry 1996).

Embora os afásicos de Broca sejam classicamente descritos em função das alterações sintáticas que apresentam, na prática fonoaudiológica é comum encontrarmos pacientes com dificuldades que apontam para a ocorrência de alterações semântico-pragmáticas. Tendo em vista que existem ainda poucos trabalhos lingüísticos que estabeleçam hipóteses explicativas para o fenômeno, utilizaremos as premissas teóricas da Lingüística Sociocognitiva (Fauconnier & Sweetser, 1996), que nos fornece instrumentos refinados para a compreensão de fenômenos semântico-pragmáticos, sem descartar a importância da sintaxe na ativação desses fenômenos.

Dentro dessa perspectiva, o presente trabalho tem os seguintes objetivos:

- 1 - Verificar se os afásicos de Broca apresentam dificuldades no estabelecimento de projeções metonímicas.
- 2 - Caso haja alteração, verificar se as dificuldades encontradas envolvem fatores sintáticos e/ou semântico/pragmáticos.

Tendo em vista os objetivos listados acima, podemos estabelecer as seguintes hipóteses:

1' - Os afásicos de Broca apresentam dificuldades na escolha entre o “gatilho” e o “alvo” da função pragmática que estabelece a metonímia.

2' – As dificuldades apresentadas pelos pacientes relacionam-se a processos que ativam a interface sintaxe/semântica.

Iniciaremos o trabalho com um panorama geral da lingüística sociocognitiva e da afasiologia. Em seguida, partiremos para a metodologia utilizada na pesquisa e, por último, apresentaremos os resultados da análise e a conclusão.

## 2. Pressupostos Teóricos

Neste capítulo, faremos uma exposição dos constructos teóricos em que se baseia a pesquisa. A princípio, discorreremos sobre a lingüística sociocognitiva de uma forma geral, a Teoria dos Espaços Mentais, os Modelos Cognitivos Idealizados, domínios, moldura comunicativa e projeção entre domínios, e, como um subtipo da projeção entre domínios, a projeção metonímica. Em seguida, veremos histórico e conceitos importantes acerca da afasiologia, e mais especificamente sobre a afasia de Broca.

### 2.1. Panorama geral da Lingüística Sociocognitiva

A Lingüística Cognitiva surgiu como uma nova vertente para os estudos da linguagem, a partir de contribuições das pesquisas da psicologia cognitiva na década de 70 e da antropologia, levando em conta os aspectos cognitivos envolvidos na significação e a influência do contexto para a compreensão da linguagem.

A hipótese da lingüística sociocognitiva foi formulada por Salomão (1999) a partir do Modelo dos Espaços Mentais elaborados por Fauconnier (1994).

Miranda (1999) destaca a importância do modelo elaborado por Fauconnier, visto que desde então temos um modelo cognitivo de análise da linguagem natural. Em vez de modelos matemáticos, teríamos uma abordagem sensível às capacidades da mente humana, levando em conta a organização cognitiva decorrente da integração entre linguagem e modelos sócio-culturais. A linguagem seria, então, um instrumento cognitivo.

Sendo assim, o grande diferencial da abordagem da lingüística cognitiva, assim como da gramática funcionalista, é a substituição de estudo da gramática como estrutura pelo estudo da gramática como fenômeno.

Para Salomão (1999), no momento em que, segundo a recomendação saussureana, adota-se outro ponto de vista, os estudos de linguagem afastam-se da tradição formalista das análises do significante e significado e encaram o desafio de tratar o fenômeno da significação, tornam-se insustentáveis tanto a tese da exclusão do sujeito, cultivada pelos estruturalismos de todos os matizes, como a tese gerativa da exclusividade do sujeito cognitivo, enobrecida pela reflexão platônico-cartesiana.

Sweetser e Fauconnier (1996) afirmam que há muito tempo sabe-se que os humanos acessam e processam informações similares ou idênticas diferentemente em diferentes contextos. Enquanto a semântica objetiva focou-se estritamente em aspectos do significado que pareciam ser analisáveis independentemente de diferenças contextuais (relegando a participação da pragmática na construção do significado), mais e mais evidências surgem de que é uma função básica da estrutura lingüística tanto explorar quanto representar as diferenças na acessibilidade de informação de que cuida a visão cognitiva. Se a cognição humana é configurada contextualmente, é de suma importância examinar a variedade de conexões que a nossa mente tende a realizar e que tipos de efeitos são produzidos em contextos diversos.

Veremos a seguir duas importantes premissas teóricas com base em Salomão (1999):

#### Premissas teóricas

A – O princípio da escassez da forma lingüística

Uma característica essencial do processo de significação da linguagem é a *subdeterminação do significado pelo significante*. A partir da análise de tal característica, podemos estabelecer a importância de entendermos as enunciações não somente pelas condições de verdade das sentenças. Salomão (1996) cita um exemplo onde essa condição fica clara:

(1) (a) Hoje *um violoncelista* entrou na minha frente no ônibus.

(b) Hoje *um violoncelista* levantou excelentes questões em nossa aula de Teoria Musical.

Salomão defende que a diferenciação tem a ver com elementos conceptuais relevantes em cada co-texto e que tendências hegemônicas nos estudos semânticos buscariam, equivocadamente, atribuir a disparidade significativa a *propriedades intrínsecas da forma*, qualificada então como *ambígua*. Na realidade não existem dois termos dicionarizáveis, e sim diversas possibilidades interpretativas a partir de processos cognitivos.

O sentido não está embutido na forma lingüística; apenas são oferecidas pistas que desencadeiam complexos processos de inferenciação. A linguagem não porta o sentido, mas o guia (Fauconnier, 1994).

Sweetser e Fauconnier (1996) afirmam que a ênfase dos estudos semânticos deslocou-se da abordagem das sentenças como estruturas lógicas para investigação da armação cognitiva obtida a partir da enunciação das sentenças: projeções metafóricas e metonímicas, enquadramentos e funções-enquadre (roles), desdobramentos em planos discursivos, estabelecimento de conexões entre espaços mentais, esquemas cognitivos e modelos culturais.

## B - O dinamismo da determinação contextual

Para Salomão (1999), ao admitir a amoldabilidade da gramática às pressões do uso, as diversas convicções funcionalistas se prontificam a reconhecer a crucialidade da dimensão contextual na explicação do fenômeno lingüístico. Tributárias de herança estruturalista, muitas dessas abordagens, entretanto, contentam-se com a redução do conceito de contexto a um conjunto de variáveis estáticas (espácio-temporais, sociais, situacionais) – e, daí, é fácil retornar ao cultivo de velhas taxonomias.

É apenas quando adotamos uma compreensão fenomenológica do que seja contexto, entendido como modo-de-ação, construído socialmente, sustentado interativamente e temporalmente delimitado (nos termos de Goodwin e Duranti 1992:6, *apud Salomão 1999*), que realmente nos comprometemos a enfrentar a irreduzível dinamicidade do processo de construção conceptual (Salomão 1999).

### 2.2. A Teoria dos Espaços Mentais

A Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994) é uma importante vertente da Lingüística Cognitiva que fornece um modelo de conexão entre gramática e cognição, levando em conta os processos cognitivos e o dinamismo do contexto envolvidos na significação da linguagem. Permite-nos entender conceitos teóricos para organizar as regularidades observadas na relação entre cognição e linguagem.

Para compreendermos fundamentos importantes estabelecidos na Teoria, faremos uma divisão didática dos principais constructos teóricos.

### 2.2.1. Domínios

Domínios são conjuntos de conhecimentos estruturados e importantes construções cognitivas envolvidas na dinâmica do discurso. Podem ser domínios estáveis ou locais.

#### 2.2.1.1. Domínios estáveis:

Segundo Miranda (1999), domínios estáveis correspondem a estruturas de memória pessoal ou social (esquemas e *frames*). Estáveis, mas não estáticos, são conhecimentos prévios que estruturam internamente os domínios locais (Espaços Mentais) e que podem ser alterados ou elaborados nas construções em processo. Segundo Salomão (1999), os domínios estáveis têm as seguintes características:

- permanência como ordens cognitivas identificáveis e evocáveis;
- organização interna das informações que os constituem;
- flexibilidade de sua instanciação, conforme as necessidades locais manifestadas.

Os domínios estáveis podem ser de três tipos: Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), Molduras Comunicativas e Esquemas Genéricos.

##### 2.2.1.1.1. Modelos Cognitivos Idealizados (MCI):

Os Modelos Cognitivos Idealizados, de Lakoff (1987), foram postulados a partir de estudos de antropologia e psicologia cognitiva. São conhecimentos adquiridos ao longo das experiências sociais e disponíveis culturalmente. Outra importante observação a ser feita diz respeito à noção de categorização, que

no modelo proposto organiza a linguagem e passa a ser muito mais flexível, com exemplos mais prototípicos e menos prototípicos.

Segundo Rosch (1976, *apud Ferreira 2006*), as categorias têm as seguintes características:

- *Podem ter graus (homens altos) e, portanto, níveis de participação, fronteiras maleáveis e membros centrais; ou podem ter fronteiras marcadas (pássaros) e dentro delas efeitos prototípicos graduados: alguns exemplos são melhores que outros.*

- *Não têm hierarquia taxonômica: as categorias que estão no meio de uma hierarquia são as mais básicas (nível-básico), como árvores em oposição a plantas e carvalho, e a maior parte do conhecimento é organizada nesse nível.*

- *E sua estrutura de nível-básico depende da percepção humana, de capacidade de imaginação, de capacidades motoras, etc.*

- *Não estão no mundo, mas são corporificadas: as categorias de cor, por exemplo, são determinadas pela biologia humana, pela mente humana e também pelo mundo externo e por considerações culturais.*

- *Apresentam efeitos prototípicos, ou seja, assimetrias entre membros de categorias que são classificados a partir do protótipo como ponto de referência.<sup>1</sup>*

Os MCIs, organizados em categorias, são fundamentais para a cognição humana, pois possibilitam o domínio, a lembrança e o uso de vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária (Miranda, 1999). Mousinho (2003) utiliza um exemplo simples para ilustrar a importância dos MCIs para a organização do nosso pensamento:

“ ...a palavra casamento nos remete a uma série de imagens do ritual em si (religioso, qual tipo de religião, casamento civil, roupas dos noivos, das pessoas, comportamento esperado,...), das motivações para um casamento (amor, formação

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Júlia S. 2006. *A interpretação sociocognitiva dos dêiticos no discurso*. Dissertação de mestrado em Linguística. Faculdade de Letras, UFRJ. p. 22/23.



de família, prototipicamente um homem e uma mulher,...), das relações do casamento (estabilidade, filhos, traição, divórcio,...) e assim por diante.”<sup>2</sup>

Um outro exemplo interessante é o de Miranda (1999), que analisou o texto de uma criança do meio rural. O menino Custódio foi convidado a produzir uma redação onde inverteria os papéis de meninos e meninas (texto 1):

#### Menino e Menina

Se eu fosse menina meu nome seria Lucia.

Eu seria uma menina muito trabalhadeira eu lavava roupa, fazia o almoço e o jantar, lavar a casa, varrer a casa, varrer terreiro, lavar vasilha etc. E uma coisa que eu não queria ser uma professora.

As coisas de meninas são mais fáceis que as dos meninos.

As coisas dos meninos e trabalhar o dia inteiro no sol, prantando e capinando, bater pastos, coer arroz, feijão, milho etc.

Menina são mais deferente de que os meninos por que elas não fica na rua até tarde e também não fica em casa sozinha. Os meninos são bem deferente de que as meninas eles ficam na rua até tarde, ficar em casa sozinho, caçar tatu de noite etc.

Embora a professora tivesse trabalhado teses emancipatórias acerca dos papéis masculino e feminino, não houve mesclagem com outros modelos culturais, pois Custódio organiza sua produção textual a partir dos MCIs disponíveis em sua cultura:

---

<sup>2</sup> MOUSINHO, Renata. 2003. *Aspectos Lingüísticos-cognitivos da Síndrome de Asperger: Projeção, Mesclagem e Mudança de Enquadre*. Tese de doutorado em Lingüística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 19.

Tabela 1 (transposta de Miranda, 1999):

<b>MCI 1: universo masculino</b>	<b>MCI 2: universo feminino</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Trabalhar o dia inteiro no sol</li><li>- Plantar, capinar, bater pasto</li><li>- Ficar na rua até tarde</li><li>- Ficar em casa sozinho</li><li>- Caçar tatu à noite</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Fazer almoço, varrer a casa, lavar vasilha</li><li>- Lavar roupa, varrer terreiro</li><li>- Ser professora</li><li>- Não ficar na rua até tarde</li><li>- Não ficar em casa sozinho</li></ul>

Um outro exemplo de como os MCIs influenciam na organização do pensamento e nas expectativas de uma pessoa é a de um paciente de 12 anos, morador da Zona Norte do Rio de Janeiro, que quando solicitado a escrever um texto sobre a profissão que gostaria de exercer no futuro, escreve:

“Eu gostaria de ser policial para proteger minha família”.

Existe uma influência clara de seus conhecimentos de mundo em sua escolha, levando em conta o local onde ele vive, suas experiências com a violência urbana, as notícias veiculadas na cidade etc.

Tais conhecimentos são produzidos culturalmente e se estabelecem de acordo com os costumes locais e com as experiências de vida de cada indivíduo. Podem modificar-se à medida que a pessoa tem novas vivências, sugerindo que os MCIs são estáveis, mas não estáticos.

#### 2.2.1.1.2. Molduras Comunicativas

As molduras comunicativas são conhecimentos operativos configurados no evento. Incluem identidades, papéis sociais, agenda do encontro,

alinhamento, permitindo a identificação do que está sendo posto em movimento na interação (Miranda, 1999).

Aproveitando o exemplo do texto de Custódio, Miranda exemplifica que a moldura comunicativa tem marca institucional, pois é um texto produzido em sala de aula, para um professor (*função*) a quem cabe, por papel institucional, propor a agenda da situação discursiva (o que dizer, como dizer, para quem dizer...). Custódio (*valor*) alinha-se perfeitamente à moldura proposta. Respeita a escolha do gênero, elabora um texto de opinião, mas não abre mão de sua identidade sócio-cultural.

Turner (1995) discorre sobre outro exemplo clássico de como a moldura comunicativa influencia na construção da significação e nas correspondências entre espaços mentais. Ele cita o caso de um debate entre um professor de filosofia contemporâneo e Kant. Os dois jamais se encontraram, mas numa aula o professor diz:

*“Acho que a razão é uma capacidade que se auto-desenvolve. Kant discorda de mim nesse ponto. Ele diz que a razão é inata, mas eu respondo que isso é dar a questão como provada, ao que ele se opõe, em .Critique of Pure Reason., defendendo que somente idéias inatas têm poder. Mas sobre isso eu digo: e a seleção grupal de neurônios? E ele não responde.”*

Existe um espaço de mescla no discurso, onde há contrapartes das duas identidades. A moldura comunicativa de debate foi estabelecida pelo professor a partir de uma linguagem própria utilizada nessa situação.

#### 2.2.1.1.3. Esquemas Genéricos

São esquemas conceptuais configurados de forma mais abstrata. Segundo Salomão (1999), “boa parte de minhas interpretações dependerá do acesso a expectativas bastante desencarnadas e por isso muito mais flexíveis em suas aplicações: a esse tipo de estrutura chamaremos esquemas genéricos”.

Voltando ao exemplo de Custódio, de Miranda, podemos considerar os MCIs do universo masculino e feminino explicitados como uma expectativa fortemente estruturada. Expectativas cada vez mais genéricas poder-se-iam estruturar a partir de esquemas conceptuais que evocassem papéis masculinos e femininos na sociedade brasileira, na sociedade ocidental e assim por diante.

No exemplo do adolescente que gostaria de ser policial, podemos estabelecer expectativas em relação à violência no Brasil e em países com altos índices de criminalidade, por exemplo.

#### 2.2.1.2. Domínios locais – Espaços Mentais

Os domínios locais são os Espaços Mentais, considerados operadores do processamento cognitivo. Segundo Sweetser e Fauconnier (1996), a descoberta (ou redescoberta) de que as conexões cognitivas desempenham um papel central na semântica e, de uma forma mais ampla, na organização do pensamento, teve conseqüências importantes para pesquisas de construção do significado realizadas a partir de meados da década de setenta.

Os Espaços Mentais apresentam-se como domínios dinâmicos, pois se proliferam à medida que pensamos e falamos. Miranda (1999) afirma que são produzidos como funções da expressão lingüística que os suscita e do contexto que os configura e que são diferentes e novos a cada semiose.

Segundo Fauconnier (1997), os espaços mentais são compartimentos temporários que contêm informações relevantes sobre um determinado domínio. Quando se fala ou pensa, os espaços mentais são configurados, estruturados e ligados sob a pressão da gramática, do contexto e da cultura. Eles são a inter-relação entre linguagem e cognição.

Os espaços mentais são ligados internamente pelos domínios estáveis – MCIs, Molduras Comunicativas e Esquemas Genéricos – e externamente pelos Construtores de Espaços Mentais.

Ainda segundo Sweetser e Fauconnier (1996), a linguagem é importante para nos permitir falar não apenas sobre o que é, mas também sobre o que poderia ter sido, o que será, o que se acredita que é, o que se espera que seja, o que foi hipotetizado, o que está visualmente representado, o que aconteceu, o que poderia ter acontecido e muito mais. Objetivamente nenhum desses aspectos é o mesmo, mas mesmo assim existe um nível em que são estabelecidas construções cognitivas similares para todos eles. Isso é revelado pelo fato de que eles se comportam de forma padronizada num conjunto amplo de casos, do ponto de vista gramatical e lógico.

Jackendoff (1975, *apud* Sweetser e Fauconnier 1996) encontrou ambigüidades tanto em sentenças proposicionais como em sentenças pictográficas e Fauconnier generalizou essas observações para todos os casos em que as conexões de domínios se aplicam. São exemplos de domínios associados a manifestações lingüísticas similares as sentenças 1, 2 e 3:

(1) Em 1952, o homem com cabelos grisalhos comandava a CIA.

*(In 1952, the man with gray hair headed the CIA)*

Ele tinha cabelo grisalho naquela época? Ele tem cabelo grisalho agora?

(2) No filme, o homem com cabelos grisalhos é um espião.

*(In the movie, the man with gray hair is a spy)*

Quem tem cabelo grisalho? O ator? A personagem? Ambos?

(3) Se Jack fosse mais velho, seus cabelos grisalhos inspirariam confiança.

*(If Jack were older, his gray hair would inspire confidence.)*

Jack já tem os cabelos grisalhos, ou ele os teria apenas na situação contrafactual?

O trabalho de Fauconnier sobre os espaços mentais originou um modelo geral para estudar a rica interface entre as conexões cognitivas e a linguagem natural e estimulou outras pesquisas numa variedade de áreas em que essa interface tem um papel fundamental.

Pesquisas sobre os Espaços Mentais procuram encontrar respostas para essa questão ambígua na forma de um modelo detalhado de construção de significado que se manifesta sob a pressão das formas lingüísticas, contexto, conhecimento estruturado do *background* e outros fatores pragmáticos. Sentenças como “Em 1952” ou “No filme” são construtores de espaços mentais, mecanismos que os falantes podem utilizar para induzir o ouvinte a acessar um novo espaço mental.

Os construtores de Espaços Mentais têm formas variadas no nível gramatical e podem ser conectivos, sintagmas adverbiais, sintagmas preposicionais, marcas de tempo e modo verbal e sentenças, criando, dentre outros possíveis, os diferentes tipos de espaços. Os exemplos a seguir foram retirados de Miranda (1999):

- Crença: *Eu acho que* o João não vem hoje.
- Hipótese, contrafactualidade: *Se eu fosse você, viajaria* para a Itália.
- Drama: *Na peça*, o ator é um cigano.
- Escala: Ela é *um tipo* de atriz.
- Modelo Cultural: *Em sua cultura* os casais não podem demonstrar carinho em público.
- Tempo: O evento começou *ontem às três da tarde*.
- Lugar: *Em Portugal* existe o fado de Coimbra e o fado vadio.
- Imagens: *Na foto*, Ana tem os olhos castanhos.

#### 2.2.1.3. Princípio da Identificação

Temos visto que a estrutura lingüística reflete os aspectos da cognição humana. Segundo Sweetser e Fauconnier (1996), em vez de nomear as entidades com base unicamente em suas propriedades independentes ou suas ações no mundo, nós constantemente as nomeamos com base nas conexões cognitivas e experimentais, as quais nós acreditamos que irão possibilitar que o interlocutor acesse o referencial desejado. Existem princípios muito genéricos que regulam a relação entre uma entidade e a expressão lingüística usada para se referir a essa entidade. O mais importante deles é o **Princípio da Identificação** (também conhecido como *ID Principle*, ou *Princípio do Acesso*),

que diz que uma expressão que nomeia ou descreve uma entidade (o gatilho) só pode ser usada para acessar (e então se referir a) uma entidade (o alvo) em outro domínio se o segundo domínio for acessível cognitivamente ao primeiro, e se existir uma conexão pragmática entre o gatilho e o alvo. Assim, o domínio de pedidos de comida em um restaurante permite um rápido acesso cognitivo ao domínio de clientes fazendo pedidos, e existe uma conexão cognitiva específica entre determinado cliente e o prato escolhido por aquele cliente.

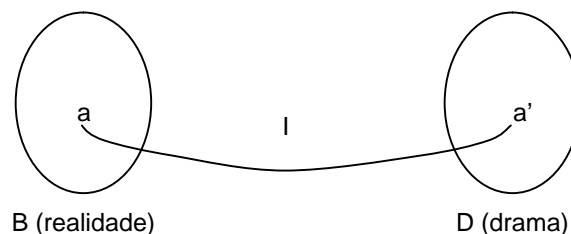
Ainda segundo os autores, o Princípio da Identificação é a chave para entendermos algumas misteriosas propriedades da linguagem de forma lógica.

Miranda (1999) cita o seguinte exemplo esquemático para compreendermos o Princípio da Identificação:

(4) “No filme, o ator brasileiro é americano”.

Temos “No filme” como um Construtor de Espaço Mental de DRAMA (D) que é distinto do espaço mental de BASE (B = “realidade”). O ator brasileiro (a = valor) em B tem uma contraparte em a'. Nesses termos, a cláusula *O ator brasileiro é americano* não é contraditória porque as duas descrições estão instanciadas em Espaços Mentais distintos. A representação desse processo pode ser assim formalizada no esquema a seguir:

Esquema 1:





Outro exemplo clássico é o de Jackendoff (1975, *apud* Sweetser e Fauconnier 1996):

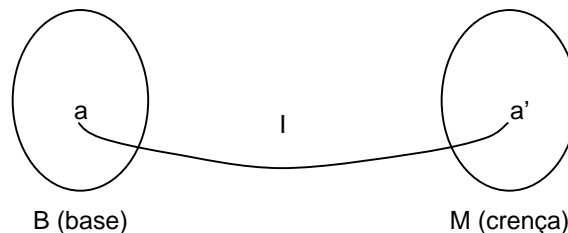
(5) Max acredita que a mulher de olhos verdes tem olhos azuis

(*Max believes the woman with green eyes has blue eyes.*)

Nesse espaço base, temos “uma mulher com olhos verdes”, ou seja, um elemento **a** associado às propriedades “mulher” e “olhos verdes”. A sentença (5) abre um novo espaço **M**, em que estruturas representando apenas as crenças de Max são estabelecidas. Nesse novo espaço existe uma contraparte **a'** para o elemento **a** inicialmente localizado no espaço base. A contraparte é associada com a propriedade “olhos azuis” através da expressão do português (originalmente do inglês) *tem olhos azuis*. Para entendermos como funciona o Princípio da Identificação nesse caso, temos o seguinte: os espaços **B** (base) e **M** estão interligados; o elemento **a'** no espaço **M** é acessado através da sua contraparte no espaço base. A descrição *a mulher de olhos verdes* seleciona **a** e identifica sua contraparte em virtude do Princípio da Identificação.

O esquema 2 ilustra o Princípio da Identificação.

Esquema 2:



O Princípio da Identificação será de suma importância para compreendermos a análise dos resultados e a conclusão da presente pesquisa,

pois prevê que a pessoa seja capaz de utilizar um item lexical para representar outro.

### 2.2.2. Projeções

As projeções que, durante muito tempo foram tradicionalmente colocadas à margem dos estudos lingüísticos, na visão sociocognitivista assumem um papel central na cognição humana, pois constroem e ligam domínios. Segundo Fauconnier (1997), existem três classes delas: projeções de domínios conceptuais estruturados, projeções de esquema e projeções de funções pragmáticas. As duas primeiras serão expostas brevemente para que possamos compreender como as projeções entre domínios ocorrem de uma forma geral. Trataremos com mais profundidade as projeções de funções pragmáticas, entre as quais a metonímias encontra-se.

#### 2.2.2.1. Projeções de domínios conceptuais estruturados

Elas projetam parte de um domínio em outro, como as metáforas e as analogias. Fauconnier (1997) acredita que, para falar ou pensar sobre certos domínios (domínios-alvo), valemo-nos da estrutura de outro domínio (domínios-fonte) e do correspondente vocabulário.

Lakoff e Johnson (1980, 2002), em estudo clássico sobre as metáforas da vida cotidiana, afirmam:

“a metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. Argumentaremos que, pelo contrário, os processos do pensamento são em grande parte metafóricos. Isso é o que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. As metáforas como expressões

lingüísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós.”<sup>3</sup>

De acordo com Miranda (1999), tais projeções tornam-se culturalmente e lexicalmente entrincheiradas, definindo estruturas de categorias na língua e na cultura. Nesse caso, embora cognitivamente ativas, são opacas: a conexão de um domínio a outro é, em certo sentido, automática, ou seja, não temos consciência das projeções enquanto as realizamos.

#### 2.2.2.2. Projeções de Esquema

Miranda (idem) afirma que as projeções de esquema operam quando um esquema geral (abstrato) é usado para estruturar uma situação no contexto. Construções gramaticais e lexicais evocam tais esquemas. É o caso do processo de mesclagem, que não detalharemos no presente trabalho.

#### 2.2.2.3. Projeções de funções pragmáticas

As projeções de funções pragmáticas, como a metonímia e a analogia, ocorrem quando dois domínios relevantes, estabelecidos localmente, tipicamente correspondem a duas categorias de objetos, que são projetados um em outro por uma função pragmática (Fauconnier, 1997).

Lakoff & Johnson (1980, 2002) afirmam que a metonímia tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para *representar* outra. Decifrar a metonímia consiste em chegar ao termo

---

<sup>3</sup> LAKOFF, George. e JOHNSON, Mark. 1980. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Maria Sophia Zanotto. São Paulo: EDUC e Mercado das Letras. p.48

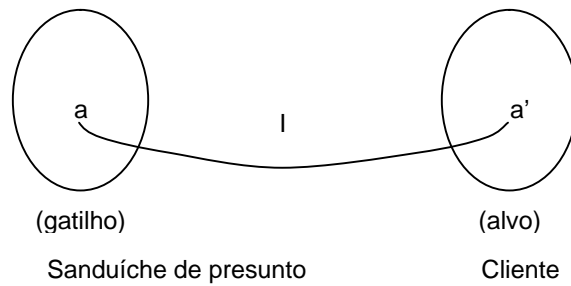
substituído, ou seja, ao referente que atende à dupla condição de ocupar a posição do substituto e manter com este uma relação de contigüidade.

No caso das metonímias “parte pelo todo”, por exemplo, há relações de contigüidade que devem ser respeitadas, como no exemplo: “Os cabeças da revolução foram presos”. Não poderíamos trocar “cabeças” por outra parte do corpo, pois a parte selecionada explicita que aspectos do todo queremos enfatizar.

Ainda segundo os autores, quando usamos a expressão “O Times”, não é simplesmente para nos referirmos a um repórter ou outro, mas também para sugerirmos a importância da instituição por ele representada. Assim, “O Times ainda não chegou para a coletiva” tem um significado diferente de “Steve Roberts ainda não chegou para a coletiva”, mesmo que Steve Roberts seja o tal repórter do Times.

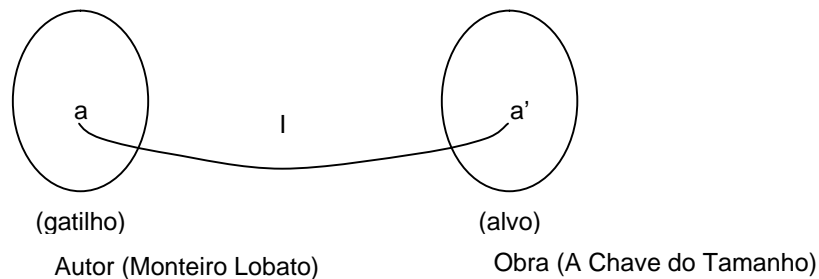
Sweetser e Fauconnier (1996) citam o exemplo de sentença “O sanduíche de presunto quer o segundo copo de Coca-cola”. A função pragmática que liga clientes a seus pedidos permite que um cliente seja identificado por “o sanduíche de presunto”. *Sanduíche de presunto* é um bom gatilho para referenciar a entidade alvo, o cliente, pois comidas em restaurantes são feitas especificamente para que os clientes possam comer, e uma tarefa central do dono do restaurante é entregar a comida certa para cada cliente.

Esquema 3:



Um outro exemplo interessante é a metonímia estabelecida entre autor e obra, como o exemplo de um dos itens da testagem para a presente pesquisa, adaptado de Mousinho (2003): “Eu estou lendo um Monteiro Lobato”. Existem diversos motivos para estabelecer a projeção metonímica em vez de dizer apenas “Eu estou lendo a Chave do tamanho”. Para Sweetser e Fauconnier (1996), livros e artigos somente existem porque alguém os escreveu e um leitor tem diversos motivos para manter uma lembrança da conexão, como o interesse em ler mais trabalhos do autor, a necessidade de citá-lo corretamente em trabalhos próprios etc. Podemos citar também a importância do conjunto da obra do autor e seus recursos estilísticos. O esquema a seguir nos permite visualizar a projeção entre os domínios:

Esquema 4:



Esse tipo de projeção tem papel fundamental na estruturação do nosso conhecimento e provê meios de identificar elementos de um domínio (a)

através de sua contraparte em (a'), O Princípio da Identificação (I) é que vai permitir a descrição dessa identidade a (gatilho) em termos de sua contraparte a' (alvo).

Segundo Lakoff (1987 apud Mousinho 2003), o modelo metonímico segue características básicas, como: existe um alvo conceito A para ser compreendido com um dado propósito em um dado contexto; existe uma estrutura conceptual contendo tanto A quanto um outro conceito B; B é também parte de A ou está intimamente associada com ele na estrutura conceptual; comparado a A, B é mais fácil de compreender, mais fácil de lembrar, mais fácil de reconhecer, ou mais funcional para o dado propósito e para o dado contexto; um modelo metonímico é um modelo no qual A e B estão relacionados na estrutura conceptual – a relação é especificada pela função de B para A.

Para que a projeção metonímica seja realizada, então, é necessário que as pessoas ativem o frame da situação apresentada e consigam utilizar um item lexical para representar outro. No caso do exemplo acima, utilizamos o item lexical Monteiro Lobato para representar outro item lexical, livro.

### 3. Afasiologia

#### 3.1. Histórico

O interesse pela localização das funções cerebrais aumentou no início do século XIX. O austríaco Franz Joseph Gall (1758-1828), grande anatomista e um dos primeiros a ilustrar as circunvoluções corticais, foi provavelmente o primeiro a propor a localização cerebral das funções mentais.

Gall acreditava que o cérebro era um mosaico de órgãos justapostos. Ele postulou a existência de 27 faculdades “afetivas e intelectuais”, e assumiu que: elas se localizam em órgãos específicos (áreas) do córtex cerebral. O nível de atividade de cada função determina o tamanho do órgão cortical respectivo; e o desenvolvimento das faculdades mentais de cada indivíduo causa protuberâncias características nas partes do crânio que os cobrem, através das quais a personalidade do indivíduo poderia ser avaliada (Figura 1). Gall introduziu a linguagem entre as faculdades mentais que estariam localizadas no cérebro.

Como resultado, ele produziu uma teoria denominada de Frenologia (phrenos=mente e logos=estudo), a primeira teoria completa e extensa sobre o localizacionismo cerebral. Porém, em 1808, o Instituto da França declarou que esta teoria não era confiável, pois foi baseada em inferências falhas e, não no método científico.



Fig.1 - Mapa Frenológico de Gall (Revista Cérebro e Mente, 1997)

Em 1861, o médico francês Paul Broca (1824-1880) apresentou à Société Anatomique oito casos de pacientes que haviam perdido a capacidade de falar, sem qualquer alteração dos músculos da face. Os pacientes que já haviam morrido haviam sido necropsiados e apresentavam lesão no mesmo local: a porção posterior e lateral do lobo frontal do hemisfério esquerdo (que posteriormente se denominaria área de Broca). Com tal estudo, Broca contribuiu ao mesmo tempo para fortalecer o conceito de localização de funções no sistema nervoso e lançar a idéia de dominância hemisférica.

Fundamentando-se em suas descobertas, Broca concluiu que o centro (controle) da fala estaria situado na parte posterior da terceira circunvolução frontal (figura 2). Esta parte do cérebro se tornou conhecida como área de Broca.



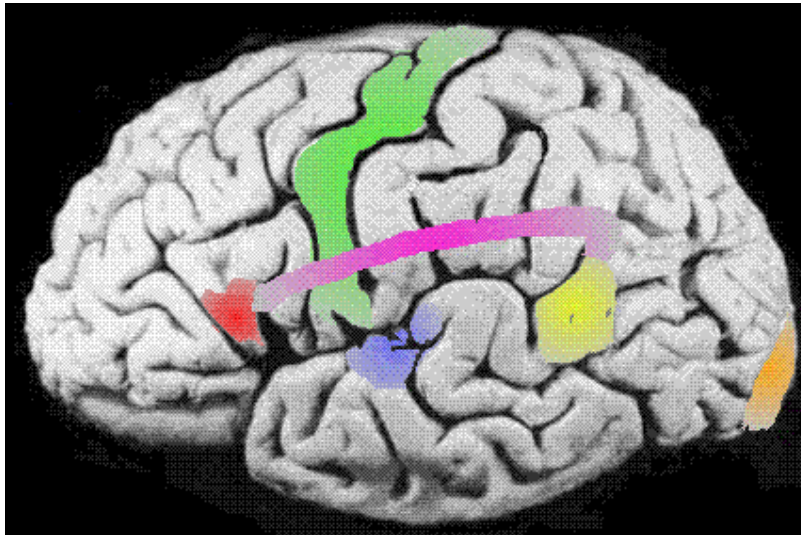


Fig.2 – Localização da Área de Broca, em vermelho e da Área de Wernicke, em amarelo.<sup>4</sup>

Outro passo importante para os estudos relacionando cérebro e mente foi dado pelo neuropsiquiatra alemão Carl Wernicke, (1848-1905), que publicou um trabalho em 1874 descrevendo um transtorno lingüístico que ele denominou afasia sensorial.

Os pacientes apresentavam fala fluente, mas comprometida, com distúrbios análogos na leitura e na escrita e deficiência na compreensão da fala oral. O cientista verificou que a lesão mais comumente associada a esse distúrbio se situava na parte posterior do giro temporal superior do hemisfério esquerdo (Kagan e Saling, 1997).

Carl Wernicke buscou traçar conexões sensoriais no córtex cerebral. Até aquele momento, os estudos se baseavam na correlação local x função. Wernicke acreditava que o sistema nervoso era composto por várias sinapses interconectadas, onde a parte anterior do cérebro era responsável pelos movimentos, e a parte posterior responsável pelas impressões sensoriais.

---

<sup>4</sup> Imagem retirada do endereço eletrônico  
[www.chuma.cas.usf.edu/~swohlmur/spn4700/cerebro.gif](http://www.chuma.cas.usf.edu/~swohlmur/spn4700/cerebro.gif)

Atualmente existem correntes que defendem o termo especialização hemisférica em vez de localizações mais específicas de funções lingüístico-cognitivas. Lent (2001) afirma que durante muitas décadas os neurologistas pensaram que o hemisfério esquerdo, sede do “centro da fala” (como pensava Broca), era dominante sobre o hemisfério direito. Este, portanto, exerceria funções coadjuvantes e secundárias. No entanto, as evidências mostraram que conceito de dominância hemisférica se tornou ultrapassado. Percebeu-se que existem dois hemisférios especializados, e não um hemisfério dominante e outro dominado. Um dos hemisférios se encarrega de um grupo de funções, o segundo encarrega-se de outro. Às vezes, são as estratégias funcionais (os modos de executar a mesma função) que diferencia um hemisfério do outro. No entanto, os dois trabalham em conjunto, utilizando-se dos milhões de fibras nervosas que constituem as comissuras cerebrais, que se encarregam de pô-los em constante interação.

Ainda segundo Lent, o hemisfério direito seria mais especializado no que diz respeito às seguintes funções:

- prosódia, que confere à fala nuances afetivas essenciais para a comunicação interpessoal;
- percepção de sons musicais;
- reconhecimento de faces (aspectos gerais);
- identificação das categorias gerais de objetos e seres vivos;
- detecção de relações espaciais, particularmente as relações métricas, quantificáveis, aquelas que são úteis para o nosso deslocamento no mundo.

O hemisfério esquerdo, por sua vez, está mais relacionado à especialização das seguintes funções:

- controle da fala em mais de 95% dos seres humanos;
- realização mental de cálculos matemáticos;
- comando da escrita;
- compreensão da escrita através da leitura;
- reconhecimento de faces (descobrir precisamente quem é o dono de cada face);
- detecção de categorias específicas de objetos e seres vivos;
- reconhecimento de relações espaciais categoriais, qualitativas (acima de, abaixo de, dentro, fora);
- movimentos mais precisos da mão e da perna direitas (na maioria das pessoas);

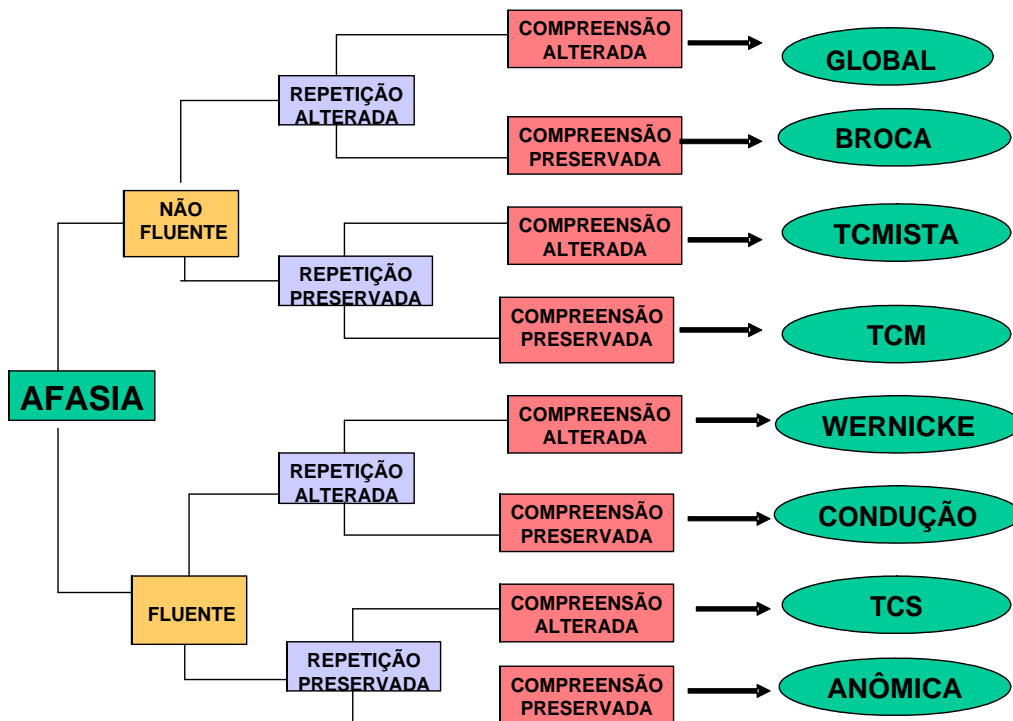
Conforme explicitado acima, lesões no hemisfério esquerdo podem acarretar diversas alterações, dentre elas as alterações de linguagem decorrentes de injúria cerebral, ou seja, as afasias.

Segundo Coudry (1996), a afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação.

Levando-se em conta as alterações de linguagem decorrentes de lesão cerebral, Drummond (2006) afirma que o espectro mais clássico da tipologia clínico-topográfica das afasias envolve alterações de linguagem subdivididas pela dicotomia da não fluência/fluência; expressão/compreensão; motora/sensorial; anteriores/posteriores, levando-se em conta para essas subdivisões o critério de localização da lesão.

O esquema a seguir, retirado de Drummond (2006), ilustra uma subdivisão feita atualmente dentro dos estudos em afasia. Vamos nos ater à explicação acerca da afasia de Broca, que é a afasia de interesse para a presente pesquisa. De acordo com o esquema, e de uma forma geral, a afasia de Broca manifesta-se através de um discurso não-fluente, repetição alterada e compreensão preservada.

Esquema 5:



### 3.2. Afasia de Broca

As afasias de Broca estão associadas a lesões não apenas na área de Broca, mas no córtex pré-motor, adjacências, lesões fronto-parietais córtico-subcorticais. Neste tipo de afasia, há comumente hemiplegia associada, e o discurso é marcado pelas dificuldades gramaticais de estilo telegráfico, dificuldades de repetição, nomeação em graus variados e alteração da escrita, mantendo boa compreensão verbal. As dificuldades na compreensão, quando existentes, são relacionadas à compreensão gramatical de sentenças envolvendo estruturas de orações passivas, relativas de objeto e questões (Grodzinsky, 2003, *apud* Drummond 2006).

Segundo Pérez (2004), a afasia de Broca, de acordo com a classificação mais atual, é considerada não-fluente: nela, o discurso é lento, vacilante e muito trabalhoso, com omissão de marcadores gramaticais. Não obstante, a compreensão se mantém preservada.

Segundo Benson (1998), os pacientes com afasia de Broca têm dificuldades de nomeação, mas se beneficiam bastante de apoio de *prompting* e da estrutura do enunciado para a nomeação, quase como um auxílio para a inclusão automática do termo, especialmente em tarefas em que devem completar ou concluir a frase.

Luria (1981) defende que para a nomeação estar preservada deve haver a mobilidade dos processos nervosos. Sua função essencial é a de, uma vez encontrado o nome, garantir que ele não se congele, não se torne um estereótipo inerte, fazendo com que o indivíduo, tendo nomeado um objeto, seja capaz de passar com facilidade para outro nome. Entretanto, essa

condição é afetada em lesões das zonas inferiores da área pré-motora esquerda (área de Broca).

Jakobson (1966), em seu trabalho clássico, considera que seus experimentos realizados com pacientes afetados de afasia demonstraram que os dois hemisférios cerebrais, esquerdo e direito, regulam duas funções diferentes. O hemisfério esquerdo controla a seleção paradigmática de palavras, enquanto que o direito age sobre a combinação sintagmática. Ainda segundo o autor, a mente do emissor que deseja expressar um conceito começa, suponhamos, por buscar o sujeito da ação: realiza um processo *seletivo* até chegar à palavra "Alfredo", que satisfaz sua necessidade de comunicação nesse momento. Quem sofre de afasia do hemisfério esquerdo não tem capacidade paradigmática, ou seja, é incapaz de consultar a gama de possibilidades. Na combinação (eixo sintagmático, horizontal, metonímico), uma palavra se situa na relação com a seguinte em função da contigüidade. Na frase "Paulo dirige a empresa de café", entre "Paulo" e "dirige" não há similitude, mas contigüidade, e as duas podem ser combinadas. O mesmo acontece com "dirige" e "a empresa" e com "a empresa" e "de café".

As dificuldades com a seleção de possibilidades e com a contigüidade serão importantes na análise e conclusão.

Como vimos acima em descrições amplamente divulgadas e aceitas sobre afasia de Broca, os fenômenos semântico-pragmáticos nunca foram descritos e pesquisados em profundidade, embora na prática clínica surjam dificuldades com metonímias.

Caracterizaremos agora as principais manifestações lingüísticas que ocorrem na afasia de Broca, utilizando trechos de transcrições dos pacientes

incluídos na pesquisa. Devemos ressaltar que determinados trechos podem conter mais de uma manifestação lingüística porque elas podem ocorrer concomitantemente.

- Agramatismo: é a dificuldade na organização frasal com omissão ou troca de nomes, artigos, preposições e pronomes. Ocorrem falhas nas relações gramaticais quanto ao verbo, gênero e número, ocasionando uma fala telegráfica (Drummond, 2001). Por demonstrar uma alteração do nível lingüístico sintático, essa manifestação é considerada a mais característica da afasia de Broca.

*Legenda:*

***Pr: paciente***

*Tp: terapeuta*

(1) *Tp: o que tá acontecendo lá?*

***Pr: é...ela paciência mim ((faz expressão facial de chateação)).***

(2) *Tp: você vai contar sobre o acidente de moto?*

***Pr: se, cabeça, se, a moto, se, chocou, se o carro é..., é..., pô.***

(3) *Tp: antiga? Então eu quero uma nova aí...*

**Pr: é, isso, não... é, morreu, moto, é.**

(4) *Tp: então, o que é que você costuma fazer em casa? conta pra mim?*

**Pr: almoçar... é.... dormir...**

- Anomia: dificuldade ou impossibilidade para nomear, geralmente associada às perdas da linguagem espontânea (idem)

(5) *Tp: depois do acidente?*

**Pr: não, se, é..., contou, se, é...se é..., ca, ((aponta para a cabeça))se, é..., ca... se, é...**

(6) *Tp: tudo bem.é... a senhora pode me falar como é que se faz um café?*

**Pr: quente.**

*Tp: hum?*

**Pr: café... fo... fogo.... ai.**

- Parafasia semântica: uso de uma palavra no lugar de outra do mesmo campo semântico.

(7) *Tp: você saiu do hospital de muleta?*

**Pr: muleta ((fez gesto de cadeira de rodas))**

*Tp: com uma cadeira?*

**Pr: é**



(8) *Tp: então você pegou a cafeteira, colocou a água.*

***Pr: se, é desligou, é..., pires, é..., to, é..., café.***

*Tp: você coloca o café no pires:*

***Pr: não ((paciente ri)) é..., é..., café.***

- Perseveração: é a repetição incessante geralmente da última palavra dita, não conseguindo desvincular-se do ato motor iniciado, mesmo em frente a uma nova situação (Drummond, idem). Também podem ocorrer atitudes perseverativas, em que provavelmente o paciente repete a palavra para fixar, como nos exemplos abaixo:

(10) *Tp: e o que a gente faz com a água?*

***Pr: é..., ca-fé, se, é..., não se, é..., ca-fe-teira, cafeteira, cafeteira.***

(11) *Tp: você tem a água aqui, o café aqui e a cafeteira aqui ((a terapeuta demonstra como se os objetos estivessem sobre a mesa)); então como você vai fazer para fazer o café?*

***Pr: cafeteira , se, é..., a-água, água, água.***

#### 4. Metodologia

A metodologia escolhida para o presente trabalho foi mista, pois realizamos o estudo de caso coletivo, em que foram avaliados cinco pacientes com afasia de Broca e seus respectivos controles, gerando resultados coletivos, mas também analisaremos as particularidades de cada caso.

Infelizmente não existem testes de projeção metonímica com uma quantidade significativa de indivíduos da população em geral para que possamos estabelecer como parâmetro de normalidade para os testes aplicados com os afásicos. Por esse motivo, para esta pesquisa foram utilizados os chamados “controles”. Os controles são indivíduos com nível de escolaridade e sexo iguais aos do paciente correspondente, e sua idade pode variar em até dois anos a mais ou a menos em relação à idade desse paciente.

O estudo de caso coletivo é feito através de uma metodologia em que as informações são analisadas de forma conjunta. No entanto, para este estudo, além dessa análise coletiva, também foram realizadas análises individuais, de natureza qualitativa, tendo em vista que as particularidades e nuances de cada caso também mereciam ser analisados isoladamente. Os resultados de pesquisas com pacientes neurológicos podem ser influenciados por variáveis como as experiências de vida de cada indivíduo, a extensão, a área e o tempo de lesão, se realizou ou não terapia fonoaudiológica. Especialmente em estudos com bases pequenas de indivíduos avaliados, a margem de erro causada por esse grupo de variáveis tende a ser maior. Dessa forma, uma metodologia mista permite obter conclusões mais abrangentes para o estudo dos casos, pois a análise das particularidades pode explicar melhor algumas dúvidas que surgem acerca da heterogeneidade das respostas obtidas.

#### 4.1. Amostra:

Foram selecionados cinco pacientes com diagnóstico de afasia de Broca pelo ambulatório de afasia do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenado pela professora da graduação em Fonoaudiologia Cláudia Drummond. O ambulatório é vinculado ao curso de Fonoaudiologia da UFRJ, que por sua vez é vinculado à Faculdade de Medicina. Ele se destina a enriquecer a formação teórica e prática dos alunos do curso de Fonoaudiologia, enquanto oferece tratamento fonoaudiológico à comunidade. Os acadêmicos do último ano do curso têm as aulas no ambulatório, onde participam de atendimentos, avaliações, debates e supervisões, acompanhados pela coordenadora do ambulatório. A escolha dos pacientes desse ambulatório permitiu selecionar pessoas com o perfil desejado para a pesquisa dentro de um local em que as pesquisas já são feitas com o consentimento de todos os envolvidos.

Todos os pacientes apresentam as características clássicas da afasia de Broca: agramatismo, representando alteração no nível sintático, compreensão relativamente preservada, repetição, nomeação, leitura e produção escrita alteradas.

Os familiares dos pacientes e as pessoas do grupo controle assinaram um termo de consentimento, que se encontra em anexo, concordando com os termos da pesquisa. Não serão divulgadas informações que permitam a identificação dos pacientes.

Os critérios para a escolha dos pacientes foram três:

- o fato de os pacientes já possuírem laudo fonoaudiológico caracterizando-os como afásicos de Broca por uma instituição reconhecidamente séria no ensino e pesquisa em afasias;

- a área e a extensão da lesão neurológica;
- as manifestações lingüísticas dos pacientes, como o agramatismo, o discurso não-fluente e a compreensão relativamente preservada, salvo em orações complexas, compatíveis com afasia de Broca.

Quatro dos cinco pacientes ainda permanecem em atendimento na instituição, e uma recebeu alta fonoaudiológica.

Para uma melhor compreensão das peculiaridades de cada caso, faremos uma apresentação dos pacientes, com um panorama geral de cada indivíduo, o tempo de lesão, a área e a extensão da lesão, as manifestações lingüísticas observadas nos atendimentos do ambulatório e um trecho de transcrição de atendimentos realizados com os afásicos pelas acadêmicas do último ano do curso de fonoaudiologia da UFRJ.

#### 4.1.1. Apresentação dos pacientes

Os afásicos selecionados são os seguintes:

#### 4.1.2. **Paciente 1: C.C. , 57 anos, sexo feminino, nível superior completo**

A paciente C.C. possui terceiro grau em Administração de Empresas, profissão que deixou de exercer depois que teve um episódio de HAS (hipertensão arterial sistêmica), que culminou num rompimento de aneurisma.

A lesão que se instalou, em 1984, foi de um acidente vascular encefálico (AVE) isquêmico fronto-temporo-parietal esquerdo, segundo tomografia computadorizada do dia 14/08/1998, gerando seqüela motora (hemiplegia direita) e de linguagem.

Iniciou atendimento no ambulatório de afasia do curso de fonoaudiologia da UFRJ em outubro de 2002. Segundo laudo da instituição de 01/07/2004,

C.C. “apresenta produção de fala não-fluente, com longas pausas entre palavras e frases, dificuldade de repetição, compreensão verbal preservada, agramatismo e fala telegráfica, anomia, com benefício de *prompting*<sup>5</sup> de primeira sílaba, parafasias, estereotipia, vocabulário restrito e frases curtas, dificuldade nas orações mais extensas e de maior complexidade gramatical, comprometimento do nível sintático, riqueza de prosódia e mímica facial, fazendo com que seu discurso seja bem compreendido.”

Os níveis lingüísticos mais alterados são o morfossintático e o lexical.

Para entendermos melhor as manifestações lingüísticas da paciente 1, encontra-se abaixo um trecho de uma transcrição de atendimento realizado por uma aluna do ambulatório de afasia em 13/09/2002. A terapeuta pede que a paciente descreva sua casa.

*Legenda:*

***Pr: paciente***

*Tp: terapeuta*

*1. Tp: então C., queria que você descrevesse como é que é sua casa, como é que ela é?*

***2. Pr: (silêncio) ei... três quartos... mamãe, eu, A... empregada.***

*3. Tp: tá. mora essas pessoas na casa?*

***4. Pr: é.***

*5. Tp: mas como é que é a casa? é uma casa grande, é uma casa pequena?*

---

<sup>5</sup> Iniciar a palavra com o objetivo de fornecer prontidão lingüística para que o paciente continue a palavra.

**6. Pr: pequinininha, pequinininha.**

7. Tp: pequinininha?

**8. Pr: é.**

9. Tp: e como é que ela é? assim.. tem quantos banheiros?

**10. Pr: dois quartos, é ((sinal de negação com a cabeça)) é... banheiros dois.**

11. Tp: dois banheiros?

**12. Pr: a empregada, A., P., A. é... mamãe, eu.**

13. Tp: tá. essas são as pessoas que moram dentro da casa.

**14. Pr: ah é.**

15. Tp: tá. e assim, são quantos quartos na sua casa?

**16. Pr: três quartos.**

17. Tp: são três quartos, dois banheiros?

**18. Pr: é.**

19. Tp: isso. e essas pessoas que que convivem com você lá?

**20. Pr: é.**

O controle da paciente 1 é S. P., 59 anos, sexo feminino, nível superior completo, advogada.

**4.1.3. Paciente 2: F. M. A., 27 anos, sexo masculino, ensino médio completo.**

O paciente F. M. A. possui ensino médio completo e iniciaria o curso de graduação em enfermagem, em que já havia sido aprovado. Em janeiro de 1999 sofreu uma ruptura de aneurisma, após uma forte dor de cabeça.

De acordo com tomografia computadorizada, realizada em junho de 2005, há presença de clip metálico no trajeto da artéria cerebral média esquerda e seqüela isquêmica com acentuação dos sulcos corticais fronto-parietais à esquerda.

Iniciou atendimento no ambulatório de fonoaudiologia da UFRJ em junho de 2003. O laudo obtido em 09/06/2003 indica que “as manifestações lingüísticas mais evidentes são: agramatismo (suas frases são compostas apenas de substantivos, apresentando raramente verbos no infinitivo), anomia (utilização de termos genéricos). Seu discurso é não-fluente e agramatical. Apresenta boa compreensão verbal e boa repetição para palavras e frases simples. Manifesta mais possibilidades discursivas ao relatar um procedimento que seja significativo para ele”. Os níveis lingüísticos mais alterados são o morfossintático e o lexical.

Em seguida veremos um trecho de transcrição obtida a partir da gravação de um atendimento realizado no dia 29/08/2005. Terapeuta e paciente encontram-se em momento de conversa informal.

*Legenda:*

***Pr: paciente***

*Tp: terapeuta*

1. *Tp: fala, fala um nome de um amigo assim, lá do ((instituição que o paciente freqüenta)).*

2. **Pr: não, não, é, amigos, é.**
3. *Tp: não tem um amigo assim, mais próximo?*
4. **Pr: é... há muito tempo.**
5. *Tp: há muito tempo o quê?*
6. **Pr: é, colégio.**
7. *Tp: ah, os amigos do colégio?*
8. **Pr: é**
9. *Tp: você tem contato com seus amigos do colégio?*
10. **Pr: tenho, é, contato.**
11. *Tp: e vocês saem juntos?*
12. **Pr: é... é... namorada... é namorada.**
13. *Tp: para onde vocês costumam sair? quando... ah, todo mundo tá com namorada, né?*
14. **Pr: é... tempo bom.**

O controle do paciente 2 é F. S., 27 anos, sexo masculino, ensino médio completo.

**4.1.4. Paciente 3: M. L. M., 30 anos, sexo masculino, ensino médio completo.**

O paciente M. L. M. possui ensino médio completo, é soldado reformado da aeronáutica e foi vítima de um acidente automobilístico em dezembro de 1995. O acidente provocou um traumatismo crânio-encefálico (TCE) com contusões cerebrais e hematoma subdural agudo.



A lesão neurológica, de acordo com tomografia computadorizada, indica lesão fronto-temporo-parietal esquerda.

M. iniciou atendimento no ambulatório de fonoaudiologia da UFRJ em março de 2004. O laudo obtido em 18/05/2006 indica que as manifestações lingüísticas mais evidentes são anomia, agramatismo, parafasia semântica, ensaio e erro e fala telegráfica. Também indica que “o paciente ainda mantém um discurso não-fluente, com fala telegráfica evidente, produção oral econômica associada a frases curtas e simples e com o agramatismo bem característico dos afásicos de Broca. O nível morfossintático é o mais alterado e o agramatismo aparece através da dificuldade na estruturação das frases e na organização gramatical. O paciente ainda apresenta dificuldade na utilização dos verbos, fazendo bastante ensaio e erro durante a produção das frases.

A transcrição a seguir foi gravada durante um atendimento realizado em junho de 2004. A terapeuta solicita ao paciente um relato de procedimento.

*Legenda:*

***Pr: paciente***

*Tp: terapeuta*

1. *Tp: você quer falar sobre como fazer um café?*
2. ***Pr: é... água, se, é... xícara, não, se, é... água***
3. *Tp: para fazer o café a gente precisa da água, certo?*
4. ***Pr: é...***
5. *Tp: e o que a gente faz com a água?*

6. **Pr: é... cá-fé, se, é... não, se, é... ca-fe-teira, cafeteira, cafeteira, é...**

7. *Tp: você falou água, café, cafeteira... o que você faz com a água e com o café?*

8. **Pr: se, é...**

9. *Tp: você tem água aqui, o café aqui e a cafeteira aqui ((a terapeuta demonstra como se os objetos estivessem sobre a mesa)), então, como você vai fazer para fazer o café?*

10. **Pr: é... é... cafeteira... é... se, é... a-á-gua, água, água, se, é, pires.**

11. *Tp: você coloca a água no pires?*

12. **Pr: não, é... não, é, pô...**

13. *Tp: onde você coloca a água para fazer o café?*

14. **Pr: cafeteira**

15. *Tp: e depois que você coloca a água na cafeteira?*

16. **Pr: cá, é, café...**

- Controle do paciente 3: F. G., 28 anos, sexo masculino, ensino médio completo.

4.1.5. **Paciente 4: J. C.S., 45 anos, sexo masculino, ensino médio incompleto.**

O paciente J. C. S. possui ensino médio incompleto e exercia a profissão de soldador. Sofreu um acidente vascular encefálico (AVE) em janeiro de 2000 e iniciou o tratamento no ambulatório de afasia da UFRJ em abril de 2004.

A ressonância magnética do dia 20/03/2002 indica “lesão fronto-temporo-parietal, dilatação compensatória do ventrículo lateral esquerdo e cerebelo isodenso, caracterizando infarto antigo no território de nutrição da artéria cerebral média”.

As manifestações lingüísticas mais evidentes são anomia, fala telegráfica, perseveração, parafasia semântica e ensaio e erro. Segundo o laudo fonoaudiológico de 17/05/2006, “J. C. S. consegue se beneficiar da fala do interlocutor para compor suas respostas, mas ainda não automatizou esse processo. A anomia melhora sensivelmente quando recebe o benefício do *prompting* e produz a expressão estereotipada “então tá bom””.

A transcrição a seguir foi gravada durante um atendimento realizado no dia 06/08/2006. O paciente estava esclarecendo uma dúvida da terapeuta acerca do número de irmãos que constava no documento.

*Legenda:*

**Pr: paciente**

*Tp: terapeuta*

1. *Tp: mas quantos irmãos você tem então?*
2. **Pr: ta bom, ta bom ta bom ( faz 2 com a mão e escreve 9) 1, 2, 2 (escreve os nomes M. e S.) então ta bom**
3. *Tp: 2 irmãs, M. e S. é isso?*

4. **Pr: então ta bom (rindo) (aponta pra ele mesmo e escreve mais 2 nomes: J. e F.)**
5. *Tp: Você tem muitos irmãos mesmo, então.*
6. **Pr: 1,2,3,4 então ta bom.**
7. *Tp; No total são 2 mulheres e 4 homens, ta certo agora?*
8. **Pr: homem, mulher, então ta bom 1,2,3,4,5,6,7 ( conta os nomes escritos) então ta bom.**

O controle do paciente 4 é S. B., 45 anos, sexo masculino, ensino médio incompleto.

**4.1.6. Paciente 5: M. L., 72 anos, sexo feminino, ensino fundamental incompleto.**

A paciente M. L. possui ensino fundamental incompleto e exercia a profissão de bilheteira, mas já estava aposentada há quase dez anos quando sofreu um acidente vascular encefálico (AVE), em agosto de 2005. Iniciou o tratamento no ambulatório de afasia da UFRJ em setembro de 2005.

A ressonância magnética de 04/10/2006 indicou lesão córtico-subcortical frontal esquerda com aspecto compatível com isquemia subaguda.

Segundo laudo fonoaudiológico de junho de 2006, a paciente apresenta alteração no nível fonológico, com dificuldade na repetição de pares mínimos, palavras e frases. O nível morfossintático apresenta as seguintes alterações: estruturação de frase, organização gramatical, uso de verbos, uso de outros

elementos de função gramatical (preposição, artigo, conjunção), compreensão de frases complexas e compreensão de relações lógico-gramaticais. No nível lexical há alteração de nomeação espontânea e por estímulo visual.

A transcrição a seguir foi anotada durante um atendimento realizado no dia 06/08/2006. A paciente e a terapeuta estavam tendo uma conversa informal.

*Legenda:*

***Pr: paciente***

*Tp: terapeuta*

1. *Tp: Que que a senhora fez hoje de manhã antes de vir pra cá?*
2. ***Pr: comer***
3. *Tp: ah, e comeu o que?*
4. ***Pr: fritas, ovo, beber suco... é... caju.***
5. *Tp: e a senhora almoçou aonde?*
6. ***Pr: casa***

O controle da paciente 5 é G.G., 73 anos, sexo feminino, ensino fundamental incompleto.

#### 4.2. Procedimento:

As avaliações aplicadas no grupo de pacientes (gp) e no grupo controle (gc) foram todas filmadas com uma câmera posicionada em locais fixos. A autora deste trabalho aplicou todos os testes, com os pacientes e respectivos controles, para evitar diferenças na abordagem dos avaliados e na forma de

aplicação dos testes. Os ambientes das avaliações foram salas de atendimento, sem ruídos ou interferência externa. Houve um momento de descontração e conversa informal antes da aplicação do teste, para que os pacientes pudessem se familiarizar com a terapeuta e se sentirem mais à vontade no momento da avaliação.

#### 4.3. Caracterização do teste aplicado:

O teste de compreensão de metonímias em afásicos de Broca foi adaptado de Mousinho (2003). A autora realizou pesquisa com pacientes com Síndrome de Asperger e um dos fenômenos sociocognitivos estudados foi a projeção metonímica. Como os pacientes estudados por Mousinho não apresentavam dificuldades acentuadas, ao menos estruturais, na produção da fala, os testes foram realizados oralmente<sup>6</sup>. No caso dos pacientes da presente pesquisa, as avaliações foram adaptadas ao formato de sentença-gravura, para que os avaliados pudessem apontar, em vez de verbalizar a resposta. Dessa forma, eliminam-se problemas nos resultados causados por alteração da produção da fala, pois se o paciente tem dificuldade de estruturação sintática e de nomeação, corremos o risco de não compreender se o paciente sabe a resposta e não consegue produzi-la, ou se a resposta não é adequada.

Outro cuidado metodológico que teve como objetivo evitar dúvidas em relação à compreensão do que estava sendo solicitado foi reduzir ao máximo a possibilidade de o paciente não entender a pergunta. O apoio visual das figuras já mencionadas foi utilizado com esse propósito. Também faz parte desse cuidado a utilização de um distrator para cada prancha do teste. O distrator é

---

<sup>6</sup> Para maior detalhamento, leia Mousinho, Renata. Aspectos Lingüístico-cognitivos da Síndrome de Asperger: Projeção, Mesclagem e Mudança de Enquadre. Tese de Doutorado em Lingüística. Faculdade de Letras, UFRJ, 2003.

uma figura que não possui relação semântica com as figuras do gatilho e do alvo, e, por essa razão, o paciente que consegue compreender a pergunta não aponta para o distrator. Assim, se nenhum distrator fosse apontado como resposta durante a realização dos testes com os pacientes, as demais alterações de resposta estariam ligadas às projeções entre domínios, e não à dificuldade para compreender o que estava sendo solicitado.

Para cada uma das dez perguntas foi confeccionada uma prancha com três imagens, sendo que uma representa o gatilho, uma representa o alvo e uma pertence a um campo semântico diferente, e atua como o distrator (veja as pranchas no anexo 1). As imagens foram retiradas do *site* Google Imagens, com exceção da foto das três crianças, que é arquivo pessoal. Dentre as dez perguntas, sete são de continente/conteúdo (perguntas 1, 2, 4, 5, 6, 9 e 10) e três são de autor/obra (perguntas 3, 7 e 8). Antes de fazer a pergunta, a aplicadora dizia o que cada imagem estava representando, como no exemplo a seguir, baseado na pergunta 1 abaixo: “Este é um edifício, este é um sanduíche e estes são moradores de um edifício. O edifício reclamou do barulho do vizinho. Quem reclamou?”. Os testes foram aplicados entre agosto e dezembro de 2005.

Seguem as perguntas do teste e a disposição das imagens:

1) O edifício reclamou do barulho do vizinho. Quem reclamou?

edifício (gatilho) – sanduíche (distrator) – moradores (alvo)

2) A mesa dez pediu a conta. Quem pediu a conta?

clientes (alvo) – mesa (gatilho) – televisão (distrator)

3) Ontem eu comprei um Picasso. O que eu comprei?

geladeira (distrator) – Pablo Picasso (gatilho) – quadro (alvo)

4) O Maracanã comemorou o gol do Brasil. Quem comemorou?

Maracanã (gatilho) – telefone (distrator) – torcedores (alvo)

5) A escola comemorou o campeonato de vôlei. Quem comemorou?

alunos (alvo) – escola (gatilho) – bolsa (distrator)

6) O camisa oito fez um golaço. Quem fez o gol?

camisa (gatilho) – jogador (alvo) – garfo (distrator)

7) Hoje à noite eu vou ver um Disney. O que eu vou ver?

filme (alvo) – girafa (distrator) – Walt Disney (gatilho)

8) Eu estou lendo um Monteiro Lobato. O que eu estou lendo?

livro (alvo) – Monteiro Lobato (gatilho) – abacaxi (distrator)

9) O Palácio do Planalto divulgou uma nota. Quem divulgou a nota?

porta-voz (alvo) – Palácio do Planalto (gatilho) – vassouras (distrator)

10) Eu tenho três bocas para alimentar. Quem eu tenho para alimentar?

três bocas (gatilho) – liquidificador (distrator) – três crianças (alvo)



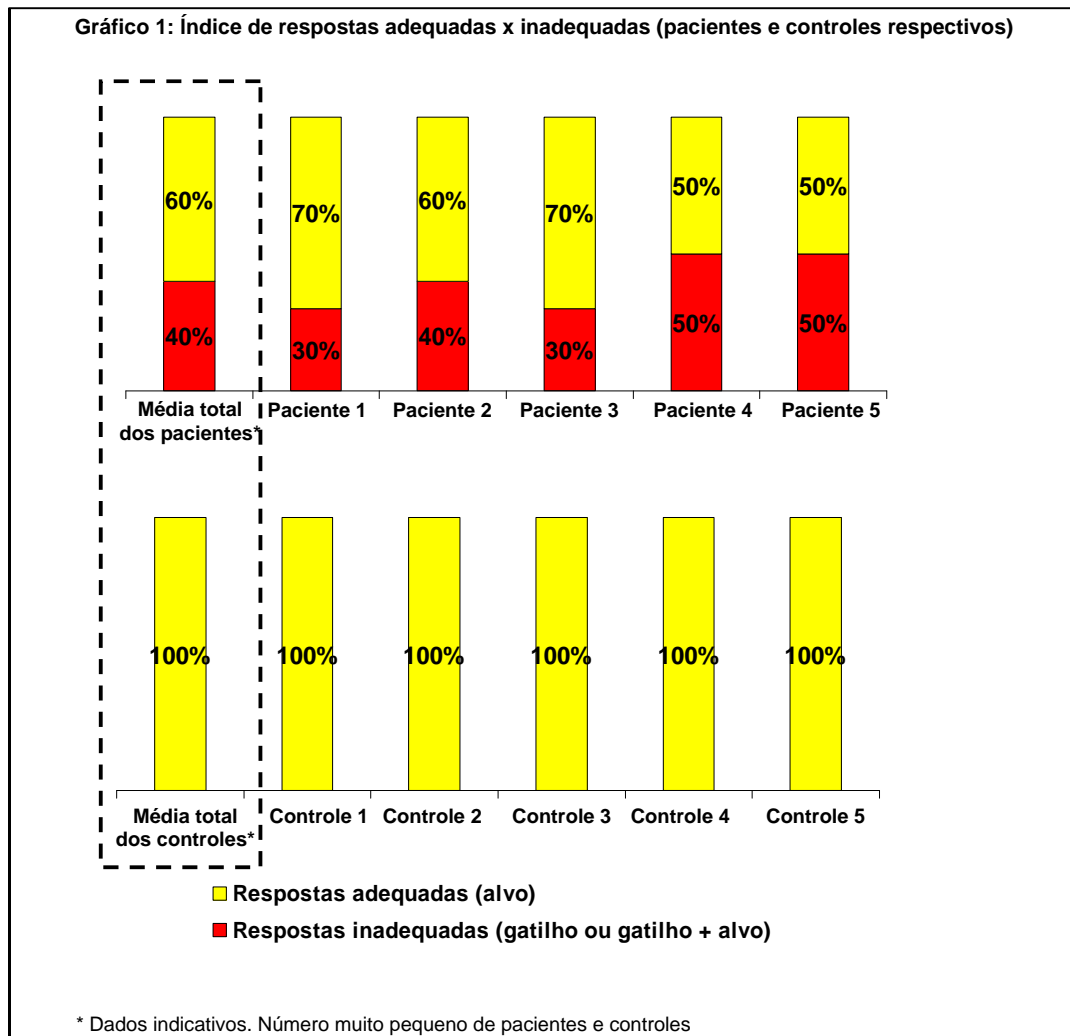
## 5. Análise dos resultados

Na tabela 1 encontram-se as respostas de cada paciente. Os resultados em negrito são aqueles em que a resposta foi inadequada, ou seja, o paciente apontou o gatilho ou o gatilho e o alvo. Nenhum paciente apontou para o distrator em momento algum do teste. Todos os controles apresentaram 100% de aproveitamento, ou seja, apontaram para o alvo em todas as perguntas (veja tabela 1: respostas para as 10 perguntas do teste aplicado nos pacientes).

Tabela 1: Respostas para as 10 perguntas do teste aplicado nos pacientes:

Pergunta	Paciente 1 Nível Superior	Paciente 2 Ensino Médio	Paciente 3 Ensino Médio	Paciente 4 Ensino Médio incompleto	Paciente 5 Ensino Fundamental incompleto
1	Moradores (alvo)	Moradores (alvo)	Moradores (alvo)	<b>edifício</b> <b>(gatilho)</b>	<b>edifício</b> <b>(gatilho)</b>
2	Clientes (alvo)	<b>mesa</b> <b>(gatilho)</b>	Clientes (alvo)	Clientes (alvo)	Clientes (alvo)
3	Quadro (alvo)	Quadro (alvo)	Quadro (alvo)	Quadro (alvo)	<b>Pablo</b> <b>Picasso</b> <b>(gatilho)</b>
4	Torcedores (alvo)	Torcedores (alvo)	Torcedores (alvo)	<b>Maracanã</b> <b>(gatilho)</b>	<b>Maracanã</b> <b>(gatilho)</b>
5	Alunos (alvo)	Alunos (alvo)	Alunos (alvo)	Alunos (alvo)	Alunos (alvo)
6	<b>camisa</b> <b>(gatilho)</b>	<b>camisa</b> <b>(gatilho)</b>	Jogador (alvo)	Jogador (alvo)	Jogador (alvo)
7	filme (alvo)	<b>Walt Disney</b> <b>(gatilho) e</b> <b>filme (alvo)</b>	<b>Walt Disney</b> <b>(gatilho)</b>	filme (alvo)	filme (alvo)
8	<b>Monteiro</b> <b>Lobato</b> <b>(gatilho)</b>	livro (alvo)	<b>Monteiro</b> <b>Lobato</b> <b>(gatilho)</b>	<b>Monteiro</b> <b>Lobato</b> <b>(gatilho)</b>	livro (alvo)
9	<b>Palácio do</b> <b>Planalto</b> <b>(gatilho)</b>	porta-voz (alvo)	porta-voz (alvo)	<b>Palácio do</b> <b>Planalto</b> <b>(gatilho)</b>	<b>Palácio do</b> <b>Planalto</b> <b>(gatilho)</b>
10	três crianças (alvo)	<b>três bocas</b> <b>(gatilho) e</b> <b>três</b> <b>crianças</b> <b>(alvo)</b>	<b>três bocas</b> <b>(gatilho) e</b> <b>três</b> <b>crianças</b> <b>(alvo)</b>	<b>três bocas</b> <b>(gatilho)</b>	<b>três bocas</b> <b>(gatilho)</b>
Respostas inadequadas	3	4	3	5	5

O principal resultado que se pode observar nos testes aplicados é que todos os afásicos de Broca apresentaram alteração nos testes, enquanto seus respectivos controles não tiveram dificuldade. Todos os pacientes apresentaram ao menos 30% de respostas inadequadas, sendo que em dois deles esse índice chegou a 50%. O gráfico a seguir nos ajuda a visualizar melhor os índices de respostas adequadas (alvo) e de respostas inadequadas (gatilho ou gatilho e alvo) de cada paciente (veja gráfico 1: respostas adequadas x inadequadas (pacientes e controles respectivos)).



A média de respostas adequadas e inadequadas foi apresentada no gráfico com o objetivo de ilustrar que os pacientes de forma geral tiveram algum índice de respostas inadequadas.

Em relação à escolaridade, a paciente 1 possui nível superior completo, os pacientes 2 e 3 possuem ensino médio completo, o paciente 4 possui ensino médio incompleto e a paciente 5 possui ensino fundamental incompleto. Os pacientes foram, portanto, organizados no gráfico em ordem decrescente de nível de escolaridade, sendo que os pacientes 2 e 3 têm o mesmo nível de escolaridade.

Os dois pacientes que apresentaram maior percentual de respostas inadequadas também são, portanto, aqueles que possuem o nível de escolaridade mais baixo (pacientes 4 e 5), o que nos sugere que esse aspecto pode influenciar a realização de projeções metonímicas, apesar de todos os controles terem apresentado 100% de aproveitamento, independentemente de sua escolaridade.

Como mencionado na metodologia, não existem testes desta natureza que possam ser utilizados como parâmetro de normalidade e, portanto, também não há registros comparativos indicando se a escolaridade realmente é um fator que pode influenciar nos resultados de testes como esse. Uma pesquisa realizada em grande escala na população em geral e a disponibilização de resultados padronizados seria de fundamental importância para a evolução dos estudos de fenômenos dessa natureza.

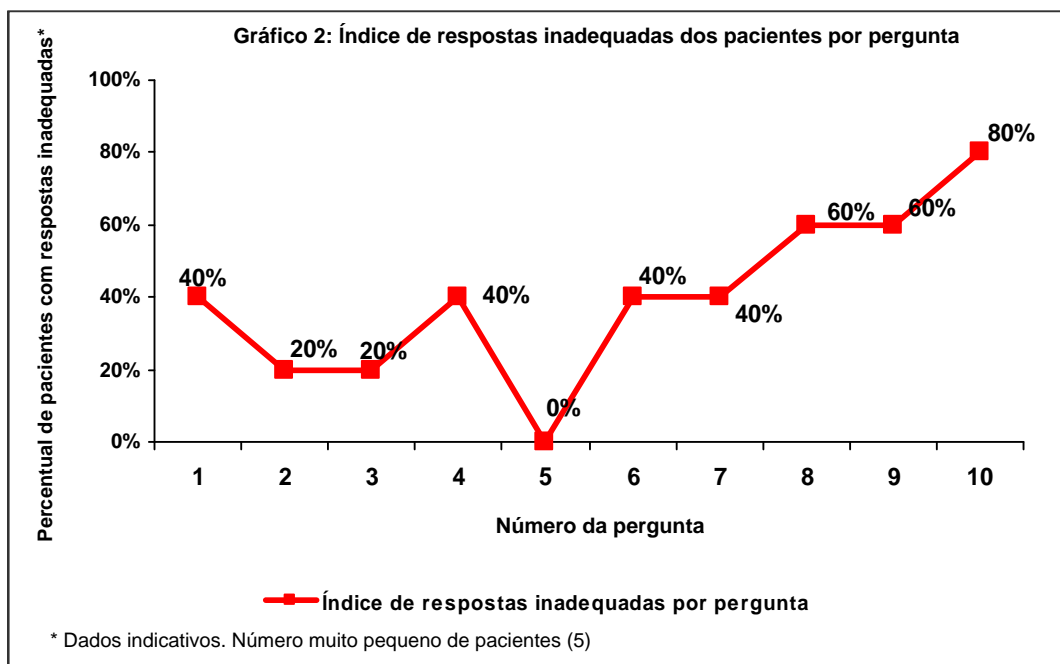
O tempo de reação dos pacientes e respectivos controles também foi uma variável observada qualitativamente durante a aplicação dos testes. Como

os testes não foram realizados *online*<sup>7</sup>, não foi possível obter o tempo exato de resposta para cada um deles. No entanto, a observação das filmagens nos leva a constatar que o tempo de reação dos pacientes foi visivelmente mais alto que o tempo de reação dos controles. Seria interessante investigar em trabalhos futuros se existe relação entre o processamento sintático dos pacientes e o aumento da latência para a resposta.

Um outro dado importante em relação às respostas dos pacientes é que na pergunta 10 o percentual de respostas inadequadas foi de 80%, e nas perguntas 8 e 9 esse percentual foi de 60%. No entanto, na pergunta 5 todos os pacientes apontaram para o alvo, apresentando 0% de respostas inadequadas (veja gráfico 2: Índice de respostas inadequadas dos pacientes por pergunta).

---

<sup>7</sup> Teste online: teste realizado no computador e que permite a aferência do tempo de reação para cada resposta.



A metonímia número 5 é a seguinte: **“A escola comemorou o campeonato de vôlei. Quem comemorou?”**. Suas respostas possíveis no teste foram: **alunos (alvo) – escola (gatilho) – bolsa (distrator)**.

Analisando cuidadosamente a imagem utilizada na prancha número 5, que se encontra no anexo I, podemos observar que os alunos da foto estão numa situação de comemoração, com bolas de encher nas mãos e sentados em uma arquibancada. A escolha da imagem foi equivocada, pois as pistas visuais podem ter influenciado nas respostas dos pacientes.

Ainda em referência aos resultados apresentados no gráfico 2, especialmente ao fato de que o índice de respostas inadequadas dos pacientes foi mais alto nas perguntas 8, 9 e 10, analisaremos cada pergunta isoladamente.

A pergunta 8 é a seguinte: **“Eu estou lendo um Monteiro Lobato. O que eu estou lendo?”** As respostas possíveis são: **livro (alvo) – Monteiro Lobato (gatilho) – abacaxi (distrator)**

A metonímia apresentada aparece corriqueiramente em meios onde as pessoas têm contato com literatura. Para que se evitassem problemas relacionados à falta de familiaridade com o tema, antes da pergunta foi explicado que Monteiro Lobato é um autor. Todos os pacientes sorriram quando a imagem de Monteiro Lobato foi apresentada, demonstrando que sabiam de quem se tratava. Mesmo reconhecendo o autor, a escolha por sua obra não foi possível em três casos, demonstrando que a familiaridade com o tema não auxiliou nas respostas.

Na pergunta número 9, a solicitação foi a seguinte: **“O Palácio do Planalto divulgou uma nota. Quem divulgou a nota?”**. As respostas representadas em imagens são: **porta-voz (alvo) – Palácio do Planalto (gatilho) – vassouras (distrator)**. Voltamos a lembrar que as imagens eram antes explicadas para que, em seguida, as perguntas fossem feitas. Nesse caso, três dos cinco pacientes apontaram para o conteúdo em vez do continente. Todos os pacientes reconheceram o Palácio do Planalto e nenhum demonstrou reconhecer o porta-voz da presidência à época da aplicação do teste, André Singer.

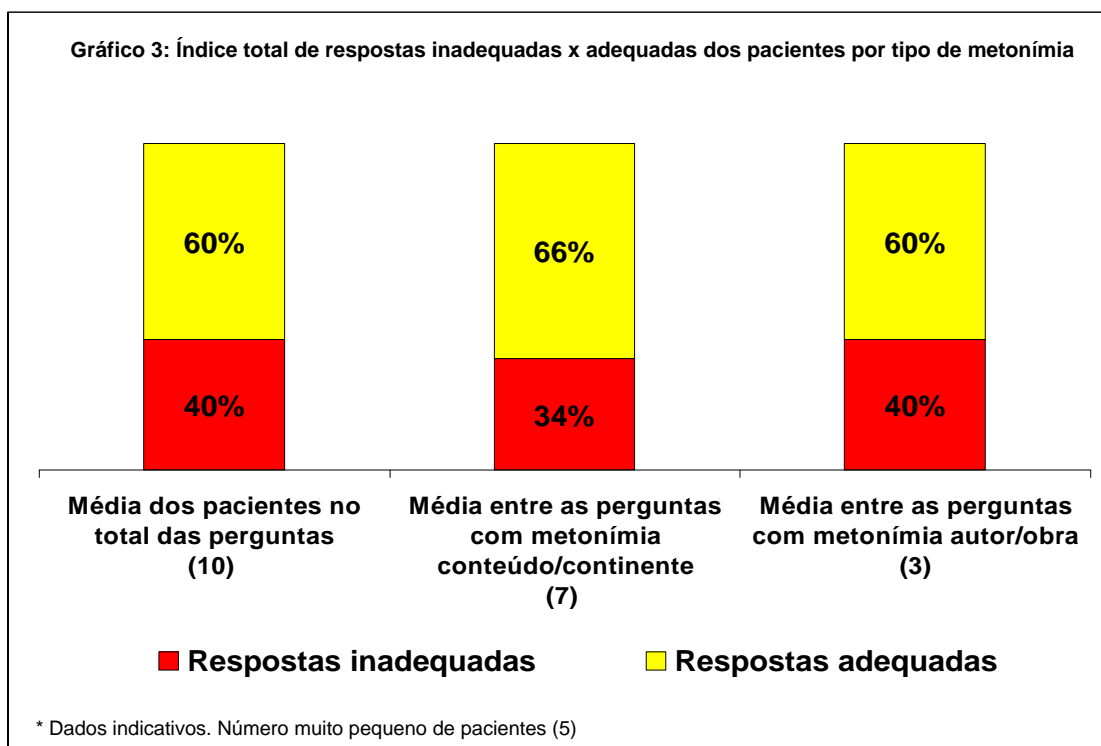
A pergunta número 10 **“Eu tenho três bocas para alimentar. Quem eu tenho para alimentar?”** teve as seguintes possibilidades de resposta: **três bocas (gatilho) – liquidificador (distrator) – três crianças (alvo)**.

Quatro dos cinco pacientes tiveram dificuldades com o teste. Dois deles apontaram para as três bocas, em vez de apontar para as três crianças, e dois

deles não se decidiram e apontaram para o gatilho e para o alvo, fazendo sinal de afirmação com a cabeça quando consultados se tinham certeza, mesmo sabendo que somente uma resposta poderia ser apontada. A imagem de três bocas da prancha de respostas poderia ter influenciado na resposta, mas nenhum controle apresentou dificuldade com a pergunta.

Com relação ao tipo de metonímia, não houve diferenças significativas no índice de respostas inadequadas do grupo de pacientes para conteúdo/continente e autor/obra. O gráfico 3 (Índice total de respostas inadequadas x adequadas dos pacientes por tipo de metonímia) ilustra tais resultados:





As sete perguntas sobre conteúdo/continente têm um total de trinta e cinco respostas dos pacientes, das quais doze foram inadequadas, somando 34% das respostas para esse tipo de metonímia (segunda coluna do gráfico 3). O outro tipo de metonímia, autor/obra, foi pesquisado através de três perguntas, totalizando quinze respostas, sendo que seis foram inadequadas, ou seja, 40% das respostas (terceira coluna do gráfico 3).

Como a média de respostas inadequadas para o total das perguntas foi de 40%, não houve influência do tipo de metonímia no desempenho dos pacientes no teste.

Embora todos os pacientes tenham apresentado respostas inadequadas, nenhum deles escolheu o elemento “distrator”. Isso parece indicar que não há comprometimento semântico relacionado à compreensão dos “frames” que as sentenças ativam. Na sentença 4, por exemplo, ativa-se o “frame” de futebol,

do qual os elementos “Maracanã” e “torcedores” fazem parte. E, significativamente, os pacientes escolheram como resposta “Maracanã” ou “torcedores”, mas nunca “telefone” (elemento “distrator”)

Entretanto, a faixa de 30 a 50% de índice de respostas inadequadas sugere que os aspectos semânticos relacionados à projeção entre domínios conceptuais se mostram afetados.

Verifica-se que os pacientes estabelecem a conexão entre elementos em domínios diferentes, mas não são sempre capazes de lançar mão do “Princípio de Acesso”, que postula a possibilidade de nomear um elemento de um domínio-fonte para fazer referência a um elemento de um domínio-alvo.

Como evidência de que a projeção entre elementos ocorre, podemos destacar os casos em que os pacientes escolhem como resposta os dois elementos que participam da função pragmática (pergunta 7 – paciente 2, pergunta 10- pacientes 2 e 3).

Sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, que parte do princípio que há um emparelhamento entre sintaxe e semântica/pragmática, esses resultados são instigantes, já que o problema para os pacientes afásicos investigados surge justamente no estabelecimento da referência, que parece ser uma área em que a interface sintaxe/semântica se mostra mais evidente. Assim, os afásicos de Broca não têm problemas no estabelecimento do campo semântico no qual o significado atua, mas resistem ao estabelecimento de processos de substituição sintática para estabelecer a referência semântica.

Partiremos agora para uma breve análise sobre as particularidades de cada caso:

### Paciente 1

A paciente 1 apresentou um percentual de 30% de respostas inadequadas, sendo que nessas situações as respostas foram os gatilhos, nunca os distratores. A tabela 2 indica as respostas inadequadas:

Tabela 2

Pergunta	6	8	9	Total
Resposta	<b>Camisa (gatilho)</b>	<b>Monteiro Lobato (gatilho)</b>	<b>Palácio do Planalto (gatilho)</b>	3

Na pergunta 6, mesmo após a repetição da solicitação, a paciente 1 manteve a resposta, sugerindo que ela tenha ativado o “frame” de futebol, mas não apontou a resposta adequada.

O resultado da pergunta 8 foi, de certa forma, uma surpresa, pois a paciente tem muita familiaridade com o meio acadêmico. Após a pergunta, a paciente inclusive citou o nome de uma pessoa de sua família que foi escritora.

Na pergunta 9 o tempo de resposta foi curto, e após repetição da pergunta, a avaliada reafirmou sua resposta, demonstrando dificuldade para estabelecer a relação conteúdo/continente.

### Paciente 2

O paciente 2 apresentou um percentual de 40% de respostas inadequadas. A tabela 3 indica as respostas inadequadas:

Tabela 3

Pergunta	2	6	7	10	Total
Resposta	<b>Mesa (gatilho)</b>	<b>Camisa (gatilho)</b>	<b>Walt Disney (gatilho) e filme (alvo)</b>	<b>três bocas (gatilho) e três crianças (alvo)</b>	4

Em três respostas houve a escolha pelo gatilho e, em uma, o gatilho e o alvo foram escolhidos. O paciente estabeleceu a conexão entre elementos em domínios diferentes, mas não foi sempre capaz de lançar mão do “Princípio de Identificação”.

Nas perguntas 2 e 6, houve escolha somente do gatilho.

Em relação às perguntas 7 e 10, o gatilho e o alvo foram escolhidos, ou seja, o paciente escolheu como resposta os dois elementos que participam da função pragmática.

### Paciente 3

O paciente 3 apresentou um percentual de 30% de respostas inadequadas. A tabela 4 indica as respostas inadequadas:

Tabela 4

Pergunta	7	8	10	Total
Resposta	<b>Walt Disney (gatilho)</b>	<b>Monteiro Lobato (gatilho)</b>	<b>três bocas (gatilho) e três crianças (alvo)</b>	3

Nas perguntas 7 e 8 houve a escolha do gatilho e na pergunta 10 o paciente apontou o gatilho e o alvo e afirmou: “- dois”. Questionado sobre a resposta, ele reafirmou que existiam duas opções de resposta, ou seja, a projeção entre elementos ocorreu, mas houve alteração no estabelecimento de processos de substituição sintática para que ocorresse a referência semântica.

#### Paciente 4

O paciente 4 apresentou um percentual de 50% de respostas inadequadas, sendo que nessas situações as respostas foram os gatilhos, nunca os distratores. A tabela 5 indica as respostas inadequadas:

Tabela 5

Pergunta	1	4	8	9	10	Total
Resposta	<b>edifício (gatilho)</b>	<b>Maracanã (gatilho)</b>	<b>Monteiro Lobato (gatilho)</b>	<b>Palácio do Planalto (gatilho)</b>	<b>três bocas (gatilho)</b>	5

O paciente apresentou latência aumentada para todas as respostas e ficou um pouco inibido por se tratar de uma moldura comunicativa de avaliação, embora antes da avaliação tivesse ocorrido uma situação de conversa informal, justamente para que o paciente se sentisse mais seguro no momento do teste.

O avaliado não tinha familiaridade com os temas das perguntas 8 e 9, mas de qualquer forma foi explicado o que continha em cada imagem das pranchas de avaliação.

#### Paciente 5

A paciente 5 apresentou um percentual de 50% de respostas inadequadas. A tabela 6 indica as respostas inadequadas:

Tabela 6

Pergunta	1	3	4	9	10	Total
Resposta	<b>edifício (gatilho)</b>	<b>Pablo Picasso (gatilho)</b>	<b>Maracanã (gatilho)</b>	<b>Palácio do Planalto (gatilho)</b>	<b>três bocas (gatilho)</b>	5

O tempo de reação para cada resposta foi alto. A paciente não possuía familiaridade com os temas das perguntas 3 e 9, mas conhecia bem os universos das pergunta 1, 4 e 10, levando a crer que o fato de conhecer os temas não garantiu que o desempenho fosse melhor em tais testes.

## 6. Conclusão

Os testes de compreensão de metonímias aplicados em afásicos de Broca realmente confirmaram a hipótese de que eles apresentariam dificuldades com tal fenômeno. O suporte teórico da Lingüística Sociocognitiva foi de suma importância para a análise dos resultados, visto que se mostrou um instrumento refinado e valioso para a compreendermos o fenômeno de projeção metonímica.

De acordo com o arcabouço teórico utilizado, as dificuldades surgiram na interface sintaxe-semântica, pois houve alteração no estabelecimento da função referencial, ou seja, utilizar um item lexical para representar outro.

Tais conclusões são importantes para a elaboração de estratégias terapêuticas na reabilitação de afásicos e para futuros trabalhos sociocognitivos visando a entender melhor o funcionamento da linguagem a partir de déficits lingüísticos.

## 7. Referências bibliográficas

BENSON, F. & ARDILLA. 1998. *Aphasia - A Clinical Perspective*. New York: Oxford University Press.

PEÑA-CASANOVA, J. & PAMIES, M. 2005. Pérez. *Reabilitação da Afasia e Transtornos Associados*. Barueri: Manole.

DRUMMOND, Cláudia. 2006. *Reabilitação dos problemas de produção verbal nas afasias*. In: Neuropsicolinguística. CAPOVILLA, Fernando e MACEDO, Elizeu. Ribeirão Preto: Tecmedd.

JAKOBSON Roman. 1966. *Two Aspects of Language*. In *Language in Literature*. Edição de K. Pomorska e S. Rudy, p. 95-114. Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, 1987. Trad. it. em Jakobsón 1966, p. 22-45.

KAGAN e SALING. 1997. *Introdução à Afasiologia de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. 1980. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Maria Sophia Zanotto. São Paulo: EDUC e Mercado das Letras.

LAKOFF, George. 1987. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press.

LENT, Roberto. 2001. *Cem Bilhões de Neurônios: Conceitos Fundamentais de Neurociência*. São Paulo: Editora Atheneu.

LURIA, Aleksander R.. 1981. *Fundamentos de Neuropsicologia*. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces: Aspects and Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: The Mit Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles. 1997. *Mental Spaces*. Cambridge. Cambridge University Press.

FAUCONNIER, Gilles e SWEETSER, Eve. 1996. *Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory*. In *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: University of Chicago Press.

FEREIRA, Júlia S. 2006. *A interpretação sociocognitiva dos dêiticos no discurso*. Dissertação de mestrado em Linguística. Faculdade de Letras, UFRJ.



MIRANDA, Neusa Salim. 1999. *Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais*. In Revista Veredas número 4. p. 81-95.

MORATO et al. 2004. *Sobre as afasias e os afásicos - subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de convivência de afásicos*. Campinas:UNICAMP

MOUSINHO, Renata. 2003. *Aspectos Lingüístico-cognitivos da Síndrome de Asperger: Projeção, Mesclagem e Mudança de Enquadre*. Tese de doutorado em Lingüística. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SALOMÃO, Maria Margarida M. 1999. *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem*. In Veredas 4: 61-79.

Endereços eletrônicos:

CARDOSO, S. *Cérebro e Mente* - Revista eletrônica de divulgação científica em neurociência. Campinas: Unicamp, 1997.

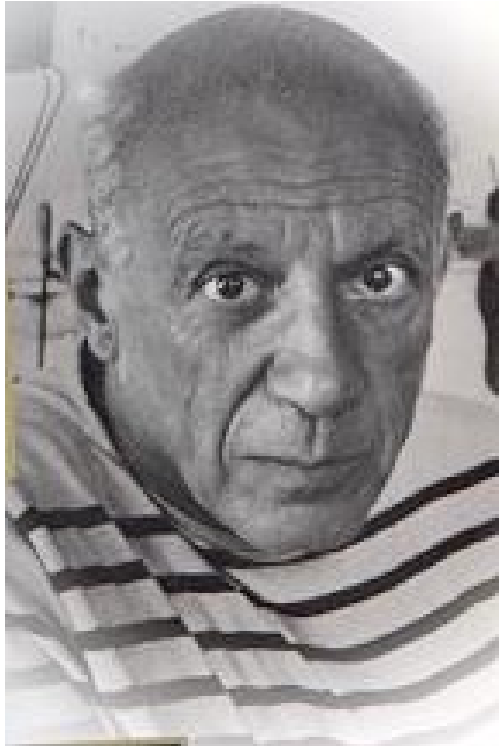
<http://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=wi&q=>

<http://www.chuma.cas.usf.edu/~swohlmut/spn4700/cerebro.gif>

## Anexo I - Pranchas







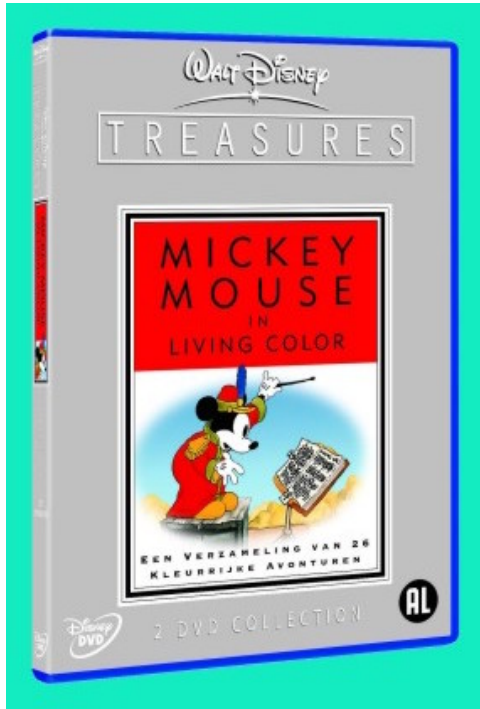


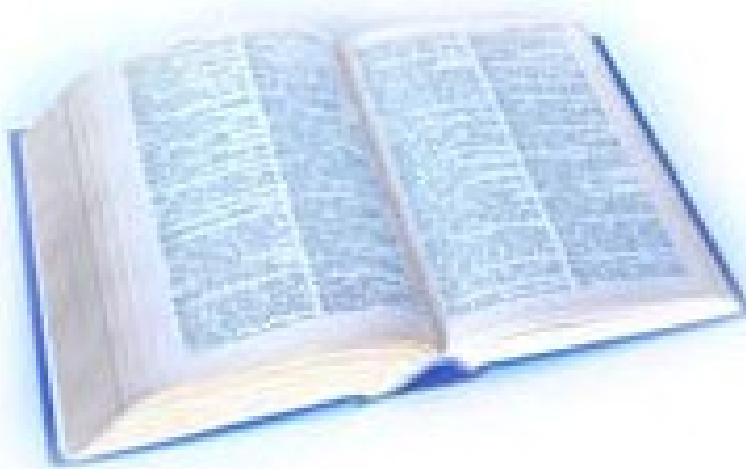




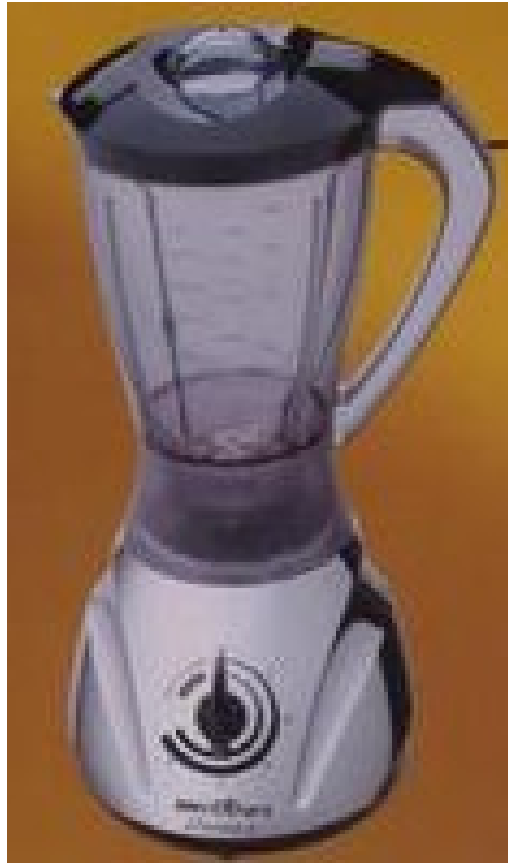












## Anexo II:

### TERMO DE CONSENTIMENTO

A fonoaudióloga Tânia de Castro Soares, CRF<sup>a</sup> 10985-RJ , está realizando mestrado em lingüística na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisa, que utiliza a linha teórica da lingüística sociocognitiva, busca entender de que maneira pessoas portadoras de afasia de Broca compreendem metonímias. Existe, assim, a necessidade de avaliar a compreensão de metonímias em pessoas com a afasia e em pessoas controle, ou seja, pessoas com a mesma idade e a mesma escolaridade das pessoas avaliadas e que não possuam lesão neurológica.

A avaliação é composta por 10 pranchas com 3 fotos cada. A pessoa avaliada deve apontar a resposta correta, que é uma das três fotos apresentadas em cada prancha. O procedimento será filmado para posterior análise. As imagens não serão divulgadas. Aqueles que se interessarem receberão o resultado de suas avaliações ao final da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de identidade nº \_\_\_\_\_ e responsável legal por \_\_\_\_\_, autorizo a realização da avaliação e da filmagem necessárias.

\_\_\_\_\_

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

SOARES, Tânia de Castro. *Projeções metonímicas em afásicos de Broca*. Dissertação de mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

### **Resumo**

Esta dissertação objetivou comprovar, e posteriormente entender a dificuldade de compreensão de metonímias pelos afásicos de Broca observada na prática fonoaudiológica, embora classicamente não existam descrições aprofundadas em relação a este processo semântico-pragmático em tais pacientes. Utilizando a teoria dos espaços mentais, que se mostrou um instrumento refinado e valioso para a análise do fenômeno de projeção metonímica, constatou-se que os pacientes apresentaram dificuldades em utilizar um item lexical para representar outro item com o qual estabelece uma relação de contigüidade, revelando dificuldades tanto sintáticas quanto semântico-pragmáticas. Tais conclusões são importantes para a elaboração de estratégias terapêuticas na reabilitação de afásicos e para futuros trabalhos sociocognitivos visando a entender melhor o funcionamento da linguagem a partir de déficits lingüísticos.

SOARES, Tânia de Castro. *Projeções metonímicas em afásicos de Broca*. Dissertação de mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

### **Abstract**

The objective of this dissertation was to comprove, and afterwards to understand the difficulty observed during speach therapy practice that Broca aphasics have to comprehend metonymies, although there is no classic profound description about this semantic-pragmatic process in such patients.

Using the mental spaces theory, which seems to be a sophisticated and very valuable tool for the analisys of metonymy projection, it has been ascertained that the patients which have presented difficulties in getting to use one lexical item to represent other item related to that one contiguously, revealing syntactic and semantic-pragmatic difficulties. Such conclusions are very important for therapeutic strategies for aphasic rehabilitation and also for future sociocognitive researchs which intent to understand better the language mecanism, based on linguistics deficits.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)